ORFEÃO UNIVERSITÁRIO DO PORTO





Publicação Periódica do Orfeão Universitário do Porto

DIRECTOR - EDITOR

BERNARDO TEIXEIRA COELHO

REDACTORES

DR. RAUL GUIMARÃES LOPES P.º MANUEL RODRIGUES GONÇALVES

LUIS BARATA DA ROCHA

ADMINISTRADORES:

EGBERTO MARQUES DE MATTOS JOSÉ ALBERTO MARTINS FARIA MARIA JACINTA DE SOUSA CATAU

REDACTORIAL

Orgulhando-se o Orfeão Universitário do Porto de incluir nos seus reportórios obras musicais portuguesas e tendo sido Óscar da Silva um dos compositores interpretados na 1.ª apresentação do Orfeão Académico do Porto, não admira que, durante vários anos e, ainda recentemente, na passada Digressão ao Brasil, o Orfeão cantasse composições do autor das «Páginas Portuguesas».

Acedeu um familiar de Óscar da Silva a escrever algo sobre a sua vida e obra, expressamente para «ORFEÃO». Assim, é com justificado prazer que dedicamos esta Revista ao «desconhecido compositor portuense».

Homenageando tão ilustre Artista, pretendemos contribuir para um melhor conhecimento dos nossos valores musicais, na certeza de que cumprimos uma das finalidades que importam ao Orfeão Universitário do Porto.

SUMÁRIO

Palavras do Relatório do Magnífico Reitor da Universidade do Porto													
	Na	Abertura	a das a	ulas en	n 21-1	0-96	5						1
Óscar d	la Sil	va			•								
	(in	memoria	ım) — ;	por Or	lando	Cou	rrège	·		•••	•••		2 a 8 e 14
Digressa	ão ao	Brasil											
	Na	Impren	sa Bra	sileira	•••								9 e 10
O Ultimo espectáculo do OUP no Brasil													
	por	Jaime	Lanho	oso							•••		11
Noticián	rio		· ····			•••	•••		:	•••			12-13
Versos	dedic	ados a	Óscar (da Silv	a				•••	•••	•••		15
Alguma	s obr	as de Ó	scar d	a Silva									16
Alguma	s not	as da su	a biogr	afia			•		•••				17
Indiscri	ções	***				•••	•••			•••			18
Brasil 65 por R. Carioca													
	por	R. Car	rioca			•••	•••	• • •	•••	•••	•••		19 a 21
Poesia							•••					•••	22
Tarde Carioca													
	Bate	-раро с	om do	is «ch	opes»	• • • • •	•••	• • • •	•••		• • •	• • •	23
António Pinto Machado													
	Uma	vida o	cheia c	le juve	ntude						• • •		24

PALAVRAS DO RELATÓRIO DO

Magnifico Reitor da Universidade do Dorto

«Finalmente devo registar que, satisfazendo uma aspiração manifestada logo que se anunciaram as comemorações do IV Centenário do Rio de Janeiro, o Orfeão Universitário do Porto toi escolhido para tomar parte nessas comemorações, em representação dos estudantes universitários portugueses. Deslocou-se ao Rio em meados de Setembro, e, além das suas apresentações nessa cidade, fez uma curta digressão a S. Paulo.

Foi uma jornada fatigante, por ter sido necessário concentrar em menos duma quinzena o programa previsto para uma estadia bastante maior. Basta dizer que, à chegada a S. Paulo, os orfeonistas, sem jantarem sequer, passaram directamente dos autocarros que os transportaram desde o Rio para a sala onde deram o seu primeiro espectáculo; e no dia seguinte, terminado o jantar dançante que se seguiu à sua apresentação na Casa de Portugal, regressaram imediatamente, nos autocarros, ao Rio de Janeiro. Pouco tempo livre tiveram para ver as muitas belezas do Rio, quanto mais do resto do Brasil; e quase não tiveram outras satisfações senão os calorosos aplausos, a consciência do dever cumprido e a realização dum desejo de muitos anos.

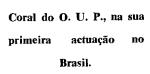
Mas eu, que com tanto gosto os acompanhei na sua deslocação, não ouvi, nem li, senão referências elogiosas — e justíssimas — ao seu comportamento e ao nível artístico de que deram provas em todas as suas exibições. Essas referências não vinham só de portu-

gueses, naturalmente dispostos a olhar com benevolência as coisas idas de Portugal, mas sobretudo dos brasileiros, que eram quem o nosso Governo tinha em vista ao enviar o Orfeão ao Brasil, visto tratar-se da comemoração duma efeméride brasileira. Por isso, apesar do esforço excessivo, e sabendo que houve desapontamento em muitas outras cidades brasileiras por o

na Abertura Solene das Aulas em 21.10.65

Orfeão não se poder deslocar até lá, não deixo de entender que a ida do Orfeão se justificou plenamente pelos resultados obtidos.

A viagem ao Brasil deu-me oportunidade de contactar com as várias Universidades do Rio de Janeiro e de S. Paulo, e de verificar quanto é vivo o desejo de estabelecer cooperação mais íntima com as Universidades portuguesas. Encontrei também por parte das instâncias competentes do Itamarati, o maior desejo de que possa abrir brevemente a Sala Brasileira junto da Universidade do Porto. Venho confundido com as muitas amabilidades de que foi objecto por parte de todos, quer no Rio quer em S. Paulo; e conto que das relações criadas, à margem da Digressão do Orfeão, possam resultar futuras consequências benéficas para os meios universitários dos dois países.»



Palco do Real Ginástico Clube Português, em 12 de Setembro de 1965.



ÓSCAR DA SILVA

IN MEMORIAM

«Sabe o que as suas composições me sugerem? Como se Chopin voltasse a este mundo e tornasse a escrever as suas eternas melodias».

HERMÍNIO DO NASCIMENTO

O inspirado autor da Proposição de «Os Lusíadas» ao dirigir a Mestre Óscar da Silva, o que acima se transcreve, deve ter sentido igualmente, na sua alma de artista e sensível compositor, o mesmo que o célebre virtuoso professor húngaro Josef Weisz, em epístola enviada a Mme. Lafourcade — sogra de outro notável pianista português, Alexandre Rey Colaço — dissera: «Óscar da Silva é o Chopin-Schumann do Sul». Assaz grande admiração possuia pelo jovem mestre «tripeiro», pois o incluia nas suas brilhantes execuções, admiradas por todo o mundo. Tinha, então, Oscar da Silva sòmente 26 anos!

Do mesmo modo o famoso pianista Karl Flesh, entre outros estrangeiros, interpretava Ōscar da Silva, tocando, inclusive, pela primeira vez em Paris, um «Nocturno» do Mestre.

Belas lições estas para muitos portugueses que se afastam dos seus patrícios. Uns, por snobismo próprio; outros, a transigir com o cabotinismo de certos sectores de plateias, por sua vez, snobs e aparentemente entendidas, ignorando que, por vezes, «lá fora» não há melhor e que a Arte não tem fronteiras, é universal. A nacionalidade do intérprete ou compositor — só interessa se honra a sua pátria — e o fruto do seu génio, se o tem, é o que vale. E quanto a Oscar da Silva, Ramalho Ortigão o afirmara: «Oscar da Silva tem Génio!»

Hermínio do Nascimento referindo-se às composições do Mestre também escreve que ele «possuía a arte e o condão de, utilizando os mais modernos e arrojados processos harmónicos, compôr música que é Música e não um amontoado de sons, cujo conjunto mais parece um ruído»...

O eminente Massenet, por sua vez, reconhecendo em Óscar da Silva um grande músico e compositor, diz-lho, transmitindo felicitações pelas suas «Mazurcas», encontrando a sua musicalidade «exquise», pessoal sedutora...

E, desde fins do século passado, são louvores a Oscar da Silva por músicos de reputação mundial como Carl Reinecke, Richard Hofmann, Ad. Ruthardt, Solomon Iadassohn, Sindig, Saint-Saens, Francis Planté, Max Bruch, Pauline Viardot, e, mais modernamente, entre muitos outros, Soulima-Strawinsky, Alfred Cortot, Walter Guieseking, Margueritte Long, Wanda Landowska, Morszowsky, Ignar Friedman, Maria Luísa Sepuldiva, etc..

A mocidade hodierna não conhece Óscar da Silva, a não ser pela magnífica tela que se encontra no Museu Nacional de Soares dos Reis pintada por Henrique de Medina, ao redor dos 70 anos e por um, ou outro, esporádico retrato publicado nos jornais.

Vamos tentar descrevê-lo, por volta dos 20/40 anos:

Magro de aspecto, delgado mesmo, o que o fazia parecer mais alto (1,72 m. rezam documentos oficiais), sêco de carnes, mãos longas como tiradas de um quadro de Greco, músculos e tendões de aço...

O nariz aquilino, os olhos grandes, castanhos e tristes, cabelo igualmente castanho e o rosto glabro, sombreado o lábio superior por ligeiro buço que, corridos anos, a contrastar com a face imbele, se transforma, dando-lhe um aspecto altivo, um ar de Cirano de Bergerac, sem o nariz deste, claro!

No periódico brasileiro «Estado de S. Paulo», apresenta-se em 1919, o Compositor; «Óscar da Silva fala tranquilamente, com um leve sorriso a pairar-lhe nos lábios e a cintilar-lhe nos olhos castanhos. O bigode pequeno de pontas curtas mas retorcidas para cima, dá-lhe certo ar ciranesco, que logo se desmente ao ouvir-lhe a voz macia e ao conhecer-se-lhe o carácter do sonhador e melancólico»...

«Sóbrio e distinto, com uma naturalidade impressionadora de gestos e atitudes, não se surpreende a mais ligeira impressão



de cabotinismo na sua arte apaixonada e triunfal»... Apresenta-o, por sua vez, o «Diário de Pernambuco».

Mas, entretanto, rapa o bigode, dizendo A. Fernandes no mesmo jornal: «Óscar da Silva está um porco diferente do retrato oficial que os jornais estamparam. Botou abaixo a bigodeira crespa e ponteaguda, de sorte que o seu tipo fino, esguio, enlancé, meio loiro, lembra mais um flamengo que um filho do Douro ou do Alentejo. Pelo espírito ele é um autêntico lusitano; mas a educação, as afinidades, o gosto do vago, da impressão da dúvida e do mistério tornam-no um contemporâneo e um irmão de Schumann que tivesse passado a vida numa daquelas pequeninas cidades da Alemanha romanesca do século passado».

O seu aspecto, geralmente, era sizudo, não mostrando as emoções que lhe avassalavam a alma, aparentemente tranquila, mas interiormente sempre inquieta, vibrátil normalmente, sensível ao meio que o rodeava, embora o não mostrasse, hiperestésico...

«É um rapaz alto, magro, duma encantadora simplicidade, com uns belos olhos casíanhos e vivos e uma soberba máscara de romano, extremamente marcada e cheia de expressão—e em todos os gestos e, em todos os movimentos, essa espontânea e natural fidalguia tão especial nos artistas de raça»... Esboçou-o por sua vez Santos Tavares. E, para terminar, vamos deixar duas descrições dos grandes literatos que tão bem o conheceram: Fialho de Almeida e Júlio Dantas. O primeiro, afamado escritor, via-o assim: «Figura fina, tez pálida, olhos de lusíada, deixando ver na liquidez pupilar, o fundo da alma—gestos tão simples, maneiras tão belas, frases tão sóbrias, que não é possível deixar de sentir-se preso quem a primeira vez se lhe achegou.

Num círculo de íntimos, as alternativas de vivacidade e abstracção, a calmaria conciliante do riso, adejando, longe das palestras, a quimera longínqua que o namora, a prega grave da testa, a alegria de chegar, a pressa de partir, tudo isto demonstra um desses tipos passionais cuja tensão de espírito só nos momentos de crise rebenta, um desses emotivos sorvendo a sensação

com ar vital, e cuja boca pura responde, quand errante mal ouve, de longe que anda em sentimenta divagações.

O segundo que amigo toda a vida de Óscar da mais de sessenta anos, escreveu a seu speito: «Rapaz nervoso magro, de órbitas profundas e movemtos sacudidos, dum compleição, duma anatomia de artista com qualquer coisa de hierático na máscara sinuosa é já hoje dorioso. Basta olhá-lo ver aqueles olhos. Chega a gente a ter pena de que esse busto seja de agora, deste tempo, em que o guarda roupa e os interiores ajudam tão pouco o artista. Gostaria de ver estido de radingote mouscadin de setim vermelho e gravata ecrouética cor de bronze, recamada sobre mantéu de bretanha. Estou em dizer que o fato e o cenário ajudariam muito os efeitos da música.

Para ser completa a impressão, ou não deveríamos ver o pianista, ou deveríamos vê-lo em fundos de teneçaria lavradas de ouro e vestindo telas (...)

Óscar da Silva é acima de tudo, um anales a e um pensador. Está nisso a sua superioridade (...)

Um grande meridional. Na braza de cérebro latido a acção duma preciosa educação gótica. Car seu temperamento nevro-sanguíneo. Nos olho par o azul juma raça; na face, todo o ar hierático duma excesso intelectual. Esbraseado umas vezes vezes curvado de desalento, muscular, apesa per um cerebral brilhante (...)

Em Óscar da Silva se o artista é exo, o hom é simples, ao mesmo tempo altivo e enternec aprendeu a corar, mas não aprendeu a dobrar-se pelas vérteb

Esquissado o seu aspecto físico e leveraçe da sua personalidade, chegou a altura de dizermos e param os ponde estudou, etc. como o deveríamos ter fina ageito habitisto é, principiando como é de usança, nur embora pequer incompleta biografia...

Assim, Óscar da Silva (Óscar Courre da Silva Arai deu os seus primeiros vagidos, na rua de Co Cabral, em 21 Abril de 1870, parece que numa pequena radia, ainda h existente, arruínada e de janelas com vidr partidos, junto antiga fábrica de tabacos e quase frontei à casa onde, finaria pouco depois da conclusão dos «Fidos da Casa Morisca», o inesquecível Júlio Diniz.

O bracarense João da Silva Araújo, fi de José Antón radicado long da Silva Araújo e de Maria Joaquina Pere anos no Brasil onde casara e enviuvara, de vo em Portuga matrimonia-se com Luísa Augusta Courrège 8 de Junho léus — Anselm 1867. Era filha de um francês natural de B Germain Courrège - proprietário de uma f umbo e munição na Rua das Taipas, e, depois relocom Café Imper joaria na antiga Praça Nova (onde e de Rita Augusta Delage, nascida. Sé, do Porto. Po sua vez era esta, filha de um frances Joseph Delage casado, igualmente, com uma por Pinto de Miranda.

A mãe de Óscar da Silva era uma diletante pela música, tendo sido, julgamos, em solteira, discípula de Miguel Ângelo. Na família todos se agradavam pela Arte. Um dos irmãos, Germano, interessa-se pelo teatro, além da música, bem como outro irmão, Ernesto, apresentando-se como amador, juntamente com um primo, Elisio Pinto de Almeida, em teatrinhos de amadores, com apreciável sucesso.

Desde muito novinho pois, que Óscar da Silva, vivia num ambiente em que a música, principalmente, para a mãe, que chegara a compor, tinha primazia.

Um dia, quase mal sabia andar, foge de casa indo at acompanhando uma banda militar...

Luísa Augusta ensina-lhe as primeiras notas e reclho «Méthode de piano pour les enfants» de Adolphe Le repentier foi o primeiro livro de estudo na arte em que cornaria exímio; mal saberia ler. Então, vai para o Colda de Santa Catarina, onde está até 1880, fazendo exames 2008. 3.º ano e

aprendendo música com Artur Ferreira, Miguel Ângelo e Félix Moreira de Sá.

Tocar piano e improvisar, desde criança, constituiu para Óscar um dom, nascera com a própria vida.

Quando da sua primeira apresentação no Rio de Janeiro, o douto escritor e académico Coelho Netto dissera: «a música sai-lhe do íntimo como o perfume sai da flor e comunica-se a quantos o ouvem provocando mais do que a admiração, simpatia, mais do que o estrondo dos aplausos, o comovido sorriso do encampento».

Posuia assim na essência da sua personalidade uma dádiva divina que o pequenito e enfermiço Óscar jamais deixou de cultivar e que o levou a compor aos 11 anos de idade um «Hino Infantil» que ele próprio regeu num côro de crianças, em 1883, alácio de Cristal.

Em 1886 após convalescença na Madeira de doença que o domicilía-se com os pais em Lisboa.

nutriu granda afeição e dmiração, bem assim com Victor Hussla, músico russo que e la La Carlos convidara a vir para Lisboa dirigir a Real Academia de Música.

dirigir a Real Academia de Música.

É considerado já um estre maravilhoso, dá lições e compõe sempre, como um estre maravilhoso, dá lições e compõe sempre, como um estre maravilhoso, dá lições e compõe sempre, como um estas primeiras obras «Valsa Triste». Mas os seus vôde e par mais longe e parte a expensa dos pais para Leipzig que na esca, reunia o melhor escol de professores de música da Europa, aperfeiçoar-se com Salomon Iadassohn, em teoria da música e composição, Carl Reinecke e Ad. Ruthardt, em ano, execução e interpretação, Óskar Paul em História e estica da Música, instrumentação com Richard Hofmann...

Basta-lherum ano para se diplomar e conquistar a virtuosidade. O cente crítico Sgmuller, no «Tagblatt», em 21 de Janeiro 33 faz-lhe larga referência, donde extraímos os seguinte s; «Entre os pianistas de maior talento obteve desta vez a printa a classificação o sr. Óscar da Silva, do Porto (Portugal).

A sua cnica está no mais alto grau.

A «touthe», a nitidez nas passagens rápidas, «stacatto», trilos, etc. força e segurança na acentuação dão um magnífico certificado ao pianis(a (...)»

Que do sai diplomado pelo Conservatório, a Rainha D. Amélia eressada pelo seu talento invulgar, toma o encargo de lhe cus ra continuação da estadia na Alemanha para se aperfeiçoar en Chopin e Schumann.

g e então para Francforte sendo admitido pelo seu valor gentes classes, em número limitado, de Clara Schumann seguir a Lizst, talvez não houvesse quem se lhe pudesse rar.

HÁ JÁ MUITOS ANOS QUE TO-MAMOS CAFÉ

и о Т

ÂNCORA DE OUR_O



Depois... Vai em «tournée» por Bremen, Berlim, Paris, Lisboa e Porto. Surge o sucesso e a fama!

Em Paris toca a convite de Vincent d'Indy e estreia-se com êxito apoteótico. Não resistimos em transcrever, por exemplo, o que disse o «Ménestrel»: «Mr. da Silva a de suite conquis une place parmi les musiciens que nous flattons d'avoir applaudit».

O correspondente em Paris, de «O Século», de Lisboa escreveu, então; «No fim, tocou o «Carnaval», de Schumann, sendo o nosso ilustre compatriota alvo duma grande manifestação de simpatia e apreço. Todos os espectadores, de pé, chamaram-no, repetidas vezes, saudando-o, com palmas e bravos».

Após a sua apresentação na Sala Pleyel, executa também na Sala Erard e nos «Concerts Populaires d'Arcourt».

«Le Fígaro», sobre o jovem «tripeiro» Mestre, não deixa de pronunciar-se: «Enfin, Mr. da Silva a fait une réussite tout à fait Parisienne».

Em 1896 Óscar da Silva está indeciso. Chegado do estrangeiro pensa ficar no Porto dando lições. Porém de Lisboa soli-

citam-no. Lá tem vários amigos influentes, o meio é outro e os horizontes mais propícios e desafogados para a sua carreira Da casa Sassetti escrevem-lhe: «a nosso ver parece-me que tem tudo a ganhar vindo quanto antes para a Capital, pois lá diz o ditado «mais vale um pássaro na mão que dois a voar...»

E Óscar da Silva partiu para Lisboa...

Outras vezes, porém, está temporadas no Porto donde tem muitos discípulos. Referindo-se ao seu labor como professor de piano, diz por exemplo, em 3 de Maio de 1913, o «Jornal da Semana»: «Um concerto sem igual nos anais dos ensaios de discípulos, foi o que se realizou no sábado passado no Salão de Festas do Jardim de Passos Manuel, para segunda audição das discípulas do professor de piano Óscar da Silva (...)

Simplesmente assombroso! Até hoje, e mais temos assistido a mui.os concertos, não tivemos ocasião de ouvir nada como aquilo.

Aquelas Senhoras não eram pianófobas, como muitas que nós conhecemos e que martelam música, sem mais nada, a não ser a mais ou menos rigorosa execução das notas (...) muitas vezes nem isso fazem. Aquelas Senhoras que ali ouvimos, deram-nos a impressão que

não eram discípulas, mas sim professores e professoras consumadas com uma alma de verdadeiras artistas.

Tocavam as músicas dos mestres com desusado sentimento e expressão, e um perfeito conhecimento do tecnicismo pianístico.

Para se tocar assim vale a pena escudar. Bem sei que, para se tocar como as discípulas de Óscar da Silva, é preciso ter-se além de um bom professor, alguma intuição artística que só esta, nada ou pouco vale.

Quantos discípulos aplicados e possuidores de dotes especiais, para executar não passam da cepa torta, porque não têm quem lhes dê esse último retoque, para a completa perfectibilidade de execução?

Se eles tivessem como professor Óscar da Silva, poderiam consegui-la, mesmo sem ir ao estrangeiro; e senão, para o certificar está a prova nesses concertos».

Do «Jornal de Notícias» por sua vez extraímos: «Não podia ser mais completo o êxito que obteve a apresentação dalgumas discípulas do ilustre artista e consciencioso e distinto professor Óscar da Silva, que, num esplêndido recital de piano se fizeram ouvir no belo Salão do Jardim Passos Manuel.

«Discípulas» dizia o programa, mas professoras lhe podíamos nós chamar, pois todas as gentilíssimas senhoras que perante numeroso público de «élite» se apresentaram, provas deram dum estudo e saber tão absoluto, que de professoras merecem mui justamente o título.

Óscar da Silva pode orgulhar-se do resultado dos seus aturados e conscenciosíssimos esforços tendentes a preparar as intérpretes do programa que sàbiamente organizou, para uma apresentação que as impusesse aos aplausos incondicionais e calorosos do público, pois raras vezes nos tem sido dado ouvir, execuíar ao piano, com tanto brilho de técnica e expressão, obras dos mais celebrados mestres».

O eminente professor da Faculdade de Medicina do Porto

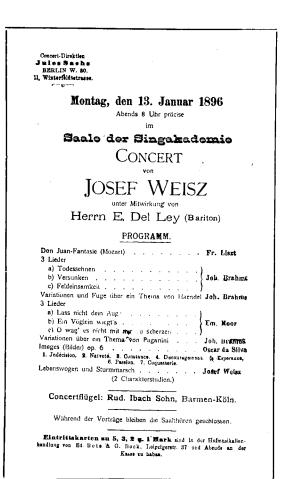
Dr. Hernâni Monteiro foi aluno de Óscar da Silva e sempre ficou seu grande admirador e amigo.

A excepcional Carolina Michaëlis de Vasconcelos, nutria um fervoroso culto pelo talento do Mestre e, assim, também quis que este desse lições a um seu neto que tinha «por pessoa inteligente (como todos os Michaelis) (...) A mamã a cuja família não falta temperamento artístico e o avô Vasconcelos de quem a Dama Música é amiga dedicada, deseja e espera que o Manuelzinho queira ser um pequeno artista (...)»

Porém a vida que o obrigava a trilhar o ensino, tendo incontável número de discípulos, leccionando largas temporadas no Porto, em Leça, em Lisboa, na Alemanha; por último no Brasil - no Rio de Janeiro e em S. Paulo — nunca o seduziu. A sua instabilidade não o deixa fixar-se e criar escola. As portas dos Conservatórios abrem-se-lhe, mas sabe que não pode entrar. Não é pessoa para viver subordinado a certos preceitos, a regras burocráticas, nem sòmente gastar a existência e o «fogo sagrado» que traz dentro de si, ligado a horas rígidas de funcionário... O ensino para Oscar da Silva é sempre fruto da necessidade e não do gosto pela pedagogia. É um mes-

tre probo, ensina o que sabe, procurando mesmo transmitir aos alunos e alunas o seu virtuosismo e sentimento—como se o mesmo pudesse ser transmitido, se ele era impar!—mas o sonho que sempre albergou era outro.

A respeito do seu trabalho como professor, Fialho de Almeida com a agudeza e ironia que o caracteriza não deixa de escrever, escandalizando alguns bons burgueses papás, cujas filhas eram alunas de Óscar da Silva: «E por longas terras a alma dele às vezes singra, coitada, fugindo às brutalidades da vida, que o algema às lições de piano para ganhar o pão de cada dia, quando a sua aspiração fora elevar-se e viver a vida cerebral dos mestres sonhadores, que pode isolar-se e correr as esplêndidas caças da música, pensar por sons, cantar à musa resplandescente serenatas, viver enfim numa walhalla onde meninas pianívoras



não entram, nem patinhas brancas de gata fazem escalas, para regalos dos pais, à hora dos arrotos do jantar (...)»

Evade-se pois, de quando em vez, realizando concertos na Capital, no Porto, vai até ao estrangeiro e colecciona triunfos. Ele que era um conversador cativante, encantador, preferia antes, transmitir os seus pensamentos, as suas observações, a sua hipersensibilidade perante as pessoas e o mundo, pela linguagem da música. Por isso compõe, compõe sempre num trabalho afanoso e invulgar.

Na primeira fase do Orfeão Académico do Porto, que, incluia sòmente estudantes masculinos, fossem, ou não, universitários, nascido da Reunião Magna e convocada a Academia, para o Palácio de Cristal, em 6 de Março de 1912, por Mário do Carmo Pacheco, foi deliberado criar o Orfeão Académico tendo sido escolhido para regente Fernando Moutinho que, além de pianista e compositor, se dedicava ao comércio. Conseguiu atingir grande relevo como autor de diversos trechos de música portuguesa, chegando a musicar algumas revistas de Arnaldo Leite e Carvalho Barbosa, bem como uma opereta «Flor da rua», que lhe deu bastante nome.

Intimo de Óscar da Silva, conhecendo-lhe o altíssimo valor como insígne compositor, que só poderia engrandecer o Orfeão interpretá-lo, imediàtamente incluiu músicas do genial portuense no reportório que começou a ser ensaiado à pressa, na Sala de Concertos do antigo Orfeão Portuense à rua do Laranjal. No espaço mínimo de um mês, coadjuvado pelos chefes de naipe Fausto Campos, Mário Lopes, Norberto Mauro Calado e Rogério Ferraz ficaram aptos a apresentar-se.

Em 1 de Junho de 1912 foi a estreia, no Teatro de Sá da Bandeira, onde se realizava a festa da «Canção Portuguesa» levada a efeito polos artistas do Teatro da República, de Lisboa, Adelina e Aura Abranches e Alexandre Azevedo.

As peças constantes do programa eram um conto russo «Manhã de Neve» e «O Pranto de Maria Parda» de Gil Vicente em que a genial Adelina Abranches teve uma das suas magistrais interpretações. A seguir o Dr. Jaime Cortesão fez uma brilhante oração sobre a iniciativa de interesse patriótico da «Festa da Canção Portuguesa».

Afirmou — segundo o Comércio do Porto, de 1/6/1912 — que «os povos não se transformam só pelas revoluções políticas; para essa transformação é também necessária a elevação da sua arte e poesia. Em todos os países cultos esse movimento patriótico tem-se iniciado pela vulgarização do folclore nacional (...) No norte do país é onde se conserva mais intacta a bela canção portuguesa e por isso é lógico que seja a mocidade do norte a primeira a erguer-se para a tarefa do patriotismo rejuvenescimento da Raça».

Seguidamente, com Fernando Moutinho ao piano, ouviram-se canções deste, com versos de Augusto Gil, Júlio Dantas, Guerra Junqueiro, Faria Leal e Machado Correia cantados por Aura Abranches e Alexandre Azevedo.

A festa terminou com a apresentação, pela primeira vez, do Orfeão Académico, composto de 150 figuras sob a esplêndida regência de Fernando Moutinho «merecendo especial referência a «Cantiga do Cavador» com versos de António Correia de Oliveira e música de Óscar da Silva».

Os académicos em apreço pelo seu regente ofereceram-lhe uma valiosa batuta. Por sua vez o Orfeão do Porto brindou a sua congénere com uma artística palma ornada de flores e fitas.

Tamanho tinha sido o êxito que dias depois, aquando do aniversário da morte de Camões, a Associação dos Estudantes e a Renascença Portuguesa fizeram uma homenagem ao Épico levada a efeito também no Teatro de Sá da Bandeira, comparticipando de novo o Orfeão Académico com o mesmo programa. Da parte literária, fazia parte o eminente poeta Teixeira de Pascoais.

A «Canção do Cavador» de Óscar da Silva foi bisada, tal



o mais primoroso e delicador emporita partuguer, de alma e talenti diche cuntinos com um abrago de gratisho timunio Material

o sucesso alcançado, bem como estrondosas palmas teve, também, o «Canto Académico» de João Arróio e as «Quadras Soltas» do próprio regente.

«Óscar da Silva é o mais primoroso e delicado compositor português» disse então Fernando Moutinho.

Pouco tempo antes em carta dirigida ao Mestre — a propósito da última «Dolorosa» que este compusera — e que, gostosamente, por ser inédita, oferecemos para ficar arquivada nas páginas desta tão simpática Revista, em homenagem a todos os actuais brilhantes executantes do hoje, Órfeão Universitário do Porto. Copie-mo-la pois:

«Meu caro Óscar.

Esmagador é o termo — pela audição — que o Raimundo nos deu pela tua última Dolorosa — santo funéreo.

Ouvi-as todas, extraordinário de sentimento, sentindo-se nelas o soluçar de uma alma torturada, a dor profunda, lancinante, de alma, que só sente quem na vida sofre e quem tem na vida a missão a cumprir da luta pelo intangível, quem tem na vida o inferno lento e abrasador da marcha forçada, espicaçado pelos espinhos da adversidade sobre a penedia penhascosa e cortante sentindo de longe em longe a tepidez dum raio de sol fugitivo!

E vão-se sentindo as tuas impressões, tão primorosamente descritas em tua música até chegarmos a essa esplêndida página final. Um verdadeiro monumento de arte, em profundíssimo estudo psicológico e é esse o fim — o fim deste inferno a que se chama vida até chegar esse, delicioso acorde em ré maior — o consummatum est.

Ouvi essa página final 5 vezes. Não a poderia ouvir muitas vezes seguidamente pois perturbar-me-ia.

É preciso viver como eu tenho vivido para compreender essas tuas páginas!

És sublime meu Óscar!!

Abraça-te efusivamente - Fernando Moutinho».

Tão insigne era Óscar da Silva que só quem não for um grande artista não pode apreciar as suas composições, deixar de as interpretar ou minimizá-las.

Igualmente a respeito das «Dolorosas», Luís Costa o grande pianista, compositor e, principalmente, excelente pedagogo — tão justamente relembrada a sua memória com o «Concurso Luso-Espanhol de Piano Luís Costa, 1965, patrocinado pela Câmara Municipal do Porto, mas, continuando no olvido o magistral Óscar da Silva. Deus sabe porquê, tamanha ingratidão dos que nasceram na terra, na mesma cidade generosa que viu nascer o Mestre — pronunciava-se a respeito daquele a quem chamou «insígne Artista Óscar da Silva» e reconhecia nele: «Artista a quem tanto admiro, o qual pertence ao número, tão restrito de artistas de maior génio e dos mais consagrados da nossa arte musical», e, a propósito das mesmas «Dolorosas», escreveu-lhe também Luís Costa!

«Na verdade estamos encantados com as suas belas «Dolorosas»! Ainda ontem tive ocasião de ver a profunda impressão que elas causaram em alguns discípulos meus. De resto não lhe dou novidade alguma. O meu amigo, sabe bem o quanto as suas obras são apreciadas. Pelas provas que acaba de receber dos mestres tem ensejo de verificá-lo mais uma vez».

Meses após a estreia, em 1 de Novembro de 1912, o Orfeão Académico instala-se no 1.º andar do prédio de Galeria de Paris; onde funcionava também a «Academia Musical do Porto». Em Dezembro, porém, solicitava o Orfeão, ao Governo, para sua condigna instalação, lhe cedesse um imóvel que o Estado possuía na rua das Taipas...

A título de curiosidade lembramos que, no 2.º andar da Galeria de Paris, lecionava Óscar da Silva e pagava de aluguer a Raimundo de Macedo, 7\$50 de aluguer por mês. Saudosos tempos!

Entretanto o Orfeão Académico fica sem o seu regente Fernando Moutinho que parte para o Brasil como acompanhador de Aura Abranches e Alexandre de Azevedo, nas canções portuguesas que estes iam, em digressão artística levar a Terras de Vera Cruz.

O estudante de engenharia Futuro Barroso toma então a regência do coral, apresentando-se em 9 de Março de 1913 no Palácio de Cristal numa festa de benefício para o Fundo das Escolas Gratuitas do Porto.

Comemorando o segundo aniversário do segundo ano da Associação dos Estudantes, numa sessão em que comparticiparam o Dr. Jaimo Cortesão, Prof. Dr. Gomes Teixeira, Dr. Alfredo de Magalhães, Hernâni Barrosa, Dr. Paulo Marcelino e Carlos Praça, actua o Orfeão Académico. Essa comemoração memorável principiou com a execução de trechos pela Banda da Guarda Nacional Republicana. Depois dessa participação, realizada no Teatro Águia d'Ouro, partem os estudantes para Ferrol e Corunha.

Os resultados financeiros redundaram num fracasso e o Orfeão teve uma das suas intermitências, emudecendo.

Em 1916/17 pertencendo à Junta Directiva da Associação Alfredo Pires de Morais (Presidente), Oto Machado Falcão, José Bonifácio da Costa, Arnaldo Veiga Pires, Bernardino Ribeiro, Diamantino Pereira de Moura, Manuel Garrido e António Emílio de Magalhães, hoje, ilustre médico, mas que em inultrapassável sacordócio, tem dedicado toda a vida numa combatividade sem limites, junta à sua erudição e bondade, em prol da elevação da sociedade e expurgação de tantos males que a afligem, através da «Liga de Profilaxia Social» de que é muito ilustre Director e tantos serviços tem prestado à Nação—é decidido reorganizar o Orfeão.

É então, de novo, entregue a Futuro Barroso a regência, por uma Comissão Administrativa tendo à sua testa como Presidente, José Bonifácio da Costa, Secretário Oto Machado Falcão e Tesoureiro Porfírio Rebelo Bonito.

Apresentam-se no Teatro do Jardim de Passos Manuel. A seguir em Guimarães e, mais tarde, nesse ano de 1917, no Teatro Águia d'Ouro. A Rebelo Bonito, mais tarde distinto engenheiro e musicógrafo, que brilhantes páginas tem escrito, não só, da vida Académica do Porto, como sobre Óscar da Silva, e, tantos e tantos outros assuntos, ligados à Arte, com raro saber, tomou a regência do Orfeão, embora por curto prazo.

Entretanto o Orfeão Académico entra, pode dizer-se, em colapso. Mas em 1920/21 Modesto Osório com inexcedível dinamismo reorganiza-o. É eleito Presidente da Comissão Administrativa do Orfeão Marques Gomes, Vice-Presidente Mário Lopes—que já pertencera ao Orfeão de 1912—Carlos Braga Corte-Real, José Martins Ferreira, José Branco Marques Gomes e, Flávio Matos Ferreira.

A batuta para a regência do Orfeão foi entregue ao Padre Dr. Clemente Ramos que conseguiu, ajudado pelo mérito de dirigentes e orfeonistas, alcançar grandes sucessos e homenagens, como na vizinha Espanha em que foram recebidos pelo rei D. Afonso XIII, dando 2 espectáculos no Teatro Espanhol (15/16-5-1922) e ao ar livre no Jardim do Retiro, com fins beneficentes, dois dias depois.

Nesse ano, os heróicos aviadores Gago Coutinho e Sacadura Cabral a convite do Porto, após a sua gloriosa façanha, ligando Portugal ao Brasil, vêm à Cidade Invicta.

«O destino de Portugal é surpreender. Surpreender pela eterna mocidade e pelo vigor intemporal. Se é possível aferir a grandeza das raças pelo estalão dos seus homens representativos, Portugal renasce e aumenta em seu paírimónio mental e social. Em empreendimentos científicos para não falar dos seus novos cirurgiões e dos seus matemáticos laureados, Portugal acaba de surpreender o Mundo com a nova travessia aérea do Atlântico-Sul, empreendimento rigorosamente científico, regulado o sextante e a agulha magnética. O trabalho português não honra, apenas, a

Orfeu . marca dos grandes êxitos

Orfeu . marca dos discos do Orfeão

Arnaldo Trindade & C.a, L.da

RUA SANTA CATARINA, 117
PORTO

actividade peninsular. Os seus frutos ramalham através do oceano, como os cachos sazonados através de um muro familiar — Portugal e Brasil, galhos da mesma árvore histórica, oferceem agora ao mundo os frutos de uma mesma Glória e de um mesmo esforço». Escreveu, nessa altura, o insígne literato brasileiro Hermes Fontes.

Ontem como hoje o destino das duas grandes Nações anda ligado e sempre os nossos irmãos brasileiros nos recebem com galhardia e carinho, como só quem mal intecinonado for, não poderá crer.

A mocidade académica que felizmente vibra, como sa vibrar a nossa boa juventude, não podendo apartar-se de en u siasmo patriótico que percorria todo o Norte, pela chegada de Heróis, organiza um sarau em honra de Gago Coutinho e Saca dura Cabral, no Teatro de Sá da Bandeira, na noite de 6 de Dezembro de 1922.

O Orfeão Académico com a vida e alma nova que o seu regente lhe insuflara, conquistou merecidas palmas que a assistência lhe não regateou. Como não podia deixar de ser, ouviram-se obras de Óscar da Silva, tendo também sido executada a composição «Aza da Pátria» de Aarão de Lacerda.

Nessa magnífica Festa falaram o Prof. Bento Carqueja e os estudantes de medicina José Martins Ferreira e da Faculdade Técnica Óscar Saturnino. Este recordando que os aviadores tinham levado consigo um volume dos Lusíadas, durante a viagem, em nome da Academia, querendo arquivar esse facto e sublimá-lo, por intermédio de alunos da Faculdade de Letras foram então oferecidos aos aviadores luxuosos volumes de la contral Épico.

O espectáculo que teve também a animá-lo a exibição brilhante da Tuna e números de guitarras, foi clamorosamente aplaudido.

Pode assegurar-se, mesmo no dizer de Sacadura Cabrar, que o Sarau do Orfeão Académico constituiu a coroação homenagens prestadas aos Heróis pelo Porto.

Por sua vez Oscar da Silva, que fora encarregado Câmara Municipal do Porto, de organizar uma servicir de gala, também no Teatro de S. João, em honra dos aviadores—sendo, igualmente, para si, uma homenagem, pois seria constituído por obras da sua exclusiva autoria pindição essa da Edilidade—levou-o a efeito no dia 4, com colaboração do maestro Fernandes Fão; também interpretando números a solo.

O êxito foi tão estrondoso que o mesmo espectáculo teve de ser repetido, em Lisboa, dias após.

Em «O Comércio do Porto» — 5/12/1922, sobre esse sucesso lemos: «na última parte do programa deu-nos Óscar da Silva a audição maravilhosa de emoção artística de cinco «Páginas Portuguesas» nas quais todo o delicado e emotivo encanto da nossa

música popular revive na harmonia e na emoção das suas partituras tocadas pela virtuosidade superior do seu talento»:

Uma vez mais o Orfeão Académico e o excepcional músico tiveram os seus destinos ligados!

O ano de 1928 foi dos mais laboriosos para o Orfeão. De 1923 a este ano, a sua actividade foi mínima, embora tivessem a colaboração do Dr. João Ramos, que tanto elevara o Orfeão de Condeixa, dado o afastamento da regência do Dr. Clemente Ramos.

om o regresso do, já então, diplomado em engenharia, arroso a quem coube a direcção artística, do Orfeão—unicamente exerceu com saber e proficência—dá o ao cadémico recitais no Teatro de S. João, Coimbra, Va abolida Saragoça, Tarragona e Barcelona...

Mas não des bar que sempre dure e... na gerência de 1928 30, sonvidados arreceger o Orfeão Académico, o fundador do Orfeão de alacidados nos. Amadeu Santos, sonha-se o que só 37 anos de pois so onsegue; ir ao Brasil! Mas acidentes vários son entres en acceptação da Associação Académica et acidentes do los de académico do Porto tão belamente en st. 4 m 1922.

afici nada à Música, que sempre foi, não anos um Órfeão Académico. Mas como a asce, no ano de 1937, ano esse glorioso, per coincidência, em que óscar da Silva vem das consagrações (vejam-se as notas em anexo igualmente. a Portugal iografia) como codar e a comenda da Ordem Militar , a medama de Ouro de Mérito Artístico da L. P. também possui desde 25-5-1950 Cidade do Port a extraordinár menagem e inauguração duma lápide no voli, etc., Ano esse que denominamos glorioso, por se consagrar, en em vida, o «tripeiro» que durante largos anos a «valoroso campeão da ar e nacional, mensageiro fiel da tigiosa e querida de Cavaleiro e Lines uo Teclado» — como o classificou António amocia, a mocidade académica ter podido voltar a fazer ouvir a sua juvenil e melódica voz, pois cria-se ENSITARIO DO PORTO.

Sucessor, com responsabilidades, do antigo Orfeão Académico, não engloba já nos seus naipes, alunos que não sejam ado, vozes femininas vêm enriquecer o coral, e, dar-lhe a graciosidade que só os elementos masculinos lhe não poderiam oferecer.

Por outro lado, este Orfeão partido do programa das Comemorações na Universidade do Porto, do 1.º Centenário da Fundação da Academia Politécnica e Escola Médico-Cirúrgica, só necessitava de um Regente de nível, de saber comprovado, de valor reconhecido que o organizasse e o soubesse manter sem interrupções durante os anos que se iriam seguir.

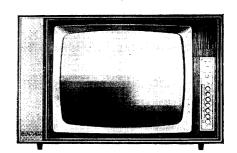
SUPER QUALIDADE EM RÁDIO E TELEVISÃO



Quem OPTA por OPTA, OPTA melhor

LOEWE-OPTA

Uma grande marca Alemã



O problema para um país onde os músicos abundam parecia não ter dificuldades. Mas tinha-as e muitas. Era necessário the right man in the right place e ele surgiu a chamamento do Reitor Prof. Dr. José Pereira Salgado: o Maestro AFONSO VALENTIM.

Dizer quem ele seja aos Orfeonistas que tão bem o conhecem, seria supérfluo, quase deselegante.

É sem dúvida um Homem excepcional, ininterruptamente, mantendo-se à testa do O. U. P. conseguindo o que, sem ele, mais nenhum teria conseguido: erguê-lo ao ácume da fama que hoje justamente goza.

Tornou realidade o sonho dos universitários com a recente ida ao Brasil, colhendo louros a somar aos muitos que de há 28 anos, para cá, o Orfeão tem vindo a usufruir e outros mais, naturalmente, estarão por vir.

A sua nobre personalidade que dir-se-ia ter sido fadada para a Música e para o ensino, teve um grande Mestre, o Professor do Conservatório de Música do Porto, Carlos Dubini, grande amigo de Óscar da Silva.

Este era fervoroso admirador de Mestre, o que o leva, um dia a escrever-lhe, estava Óscar da Silva na Alemanha, revoltado por certos portugueses, dos tais snobs, como lhe chamamos no princípio, deste artigo o que — infelizmente não são raros—e não o podiam compreender, por não conseguirem elevar-se, até ao fulgurante talento de Óscar da Silva: «Quanto a mim, meu irmão, meu querido Óscar, abraço-(e com toda a saudade, desejo-te a mais absoluta felicidade e o meu maior desejo é que venhas depressa para passar alguns dias felizes no convívio de nossas alunas. Lamento que os mais te não conheçam como me é dado conhecer-te e admirar-te para que a Fé mais absoluta os levasse a render homenagem, a ti, ao maior artista que este pobre País tem visto nascer, — teu Carlos».

O Maestro Afonso Valentim, artista, também, com «A» grande, não poderia deixar de incluir no seu Orfeão, no Orfeão Universitário do Porto, Óscar da Silva. Lá está a PÁGINA PORTUGUESA a atestá-lo. Por certo outras composições irão enriquecê-lo.

Foi amigo do Mestre e o próprio Regente do O. U. P. o disse: «Seu amigo, porque as suas virtudes de homem justificavam a amizade daqueles que dele se aproximavam, fui seu admirador, e hei-de sê-lo enquanto vivo for, porque a sua obra justificava a admiração de quantos, como eu prestam à Música o devido culto».

Os estudantes universitários tendo cantado no Brasil uma composição de Óscar da Silva homenageavam também — sem o saber talvez — o País Irmão.

O Mestre considerou-o sempre como uma segunda Pátria. As suas discípulas brasileiras dedicou uma sua composição «Brasiliense».

Partiu para o Brasil, pela primeira vez em 1919.

Depois do seu concerto de apresentação em 10 de Setembro recebeu os mais entusiásticos louvores da crítica e dos artistas mais consagrad s. «Sinceros parabéns pelo grande e merecido sucesso do ser concerto» escreveu-lhe Henrique Oswaldo. «Receba felicitações muito entusiásticas e agradecimentos cordiais pela bela audição que sua grande arte me proporcionou ontem» pronunciou-se o exímio Alberto Nepomuceno. «Ao eminente artista Óscar da Silva poeta-músico português, glória da sua grande Pátria, envio um abraço e um sincero Bravo!» disse por sua vez Francisco Braga.

Mestres da crítica, de então, como Óscar Guanabarino escrevem: «É digno de empunhar um ceptro—e reinar». Por seu turno Rodrigues Barbosa afirmou ser «Artista de alto surto, de forte envergadura e superioridade incontestável, que faz honra à sua Pátria, que se deve orgulhar de possui-lo».

Seria exaustivo, impossível, descrever mesmo em síntese, nestas páginas, o que foi a vida artística do Mestre em mais de 50 anos de concertista e compositor.

Não queremos contudo terminar sem fazer menção a que teve Portugal no seu coração sempre presente. Ora com essa pre-

sença não poderiam as suas composições de maior sucesso deixar de estar impregnadas de portugalidade como a «Rapsódia Portuguesa», «Toada Beirôa», «Páginas Portuguesas» e «Humorísticas» recorrendo incluso à directa citação da linguagem músico-popular.

Ele nas suas composições mostra-se como um músico-poeta desta lírica e romântica raça portuguesa e a Saudade é muitas vezes tratada nas suas músicas, psicològicamente transmitido em música esse sentimento intraduzível para quem não é português...

Camões inspirou Óscar da Silva e escreve a «Sonata—Saudade», para violino e piano. Compõe do mesmo modo «Saudades», para piano. Era Portugal sempre a chamá-lo a ele «Óscar da Silva o músico-poeta da terra portuguesa, o compositor do ressurgimento lusitanista»...

Em carta enviada a Eduardo Schwalbach, em 4 de Janeiro de 1933, via-se bem como sentia o seu portuguesismo: «Os que comigo privaram e os que apenas me conhecem de tradição podem estar certos de que enquanto meu coração pulsar, ele latejará com a mesma fé inquebrantável nos gloriosos destinos da Pácria».

«Português nascera, português haveria de morrer» e, por assim pensar, deu uma lição a muitos desnacionalizados, em 1921, estando nos Estados Unidos da América do Norte, em digressão artística, quando procuram cativá-lo, com a solicitação perturbadora e cariciosa do dólar.

Num meio tão difícil de vencer quem não tiver reais qualidades de trabalho ou não for um génio, como o portuense compositor, não vence. Ele chegou à América do Norte e triunfou, lendo-se no «Liberary Digest»: «Como foi possível que este artista romântico obtivesse uma das mais extraordinárias apoteoses, em Boston? — e a esta pergunta responde o próprio crítico do jornal: —É que o virtuoso português alia à sua escranha sensibilidade, ao seu excepcional temperamento artístico de sentimental, uma técnica que assombra. O piano, em suas mãos, reúne todas as harmonias celestes, todos os rugidos do mundo em convulsão, todos os eflúvios das tempestades da vida e dos dias de sol!»

Assim, após os seus concertos triunfais, de que possuímos dezenas de recortes de jornais que o certificam, antes de voltar para a Europa, é convidado para director de um Conservatório de Música, em Rhode Island. Os vencimentos seriam extraordinários. A sua Obra seria lançada «à grande», à americana, pelos processos publicitários desse país. Era pois a fortuna, o seu nome para sempre lembrado...

Pois recusou dignamente. Teria de adoptar a nacionalidade americana; ora isso, nunca!

Assim continuou pobre; também a Música, para ele, não era um meio de ganhar dinheiro. Vivia da Arte para a Arte. Por isso morreu sem pecúnia mas legou ao País um, infelizmente aban-

(Continua na pág. 14)

Sapataria Principal

CALÇA OS ESTUDANTES

Preço Fixo

Rua Formosa, 326 — PORTO

Digressão ao Brasil

«CASA DE PORTUGAL» HOMENAGEOU O ORFEÃO UNIVERSITÁRIO DO PORTO

«Entre as várias homenagens de que foi alvo o Orfeão Universitário do Porto em São Paulo, destaca-se a que lhe foi prestada pela «Casa de Portugal», em 17, numa reunião memorável e que ficou sendo uma das mais luzidas concentrações do que existe de mais distinto nos meios sociais, políticos, literários e da comunidade luso-brasileira desta capital.

O amplo e majestoso Salão de Festas, com as mesas colocadas de modo a deixarem um espaço livre nas proximidades do palco, apresentava-se totalmente lotadas e mostrava o aspecto dos grandes dias que a «Casa de Portugal» nos tem oferecido, para o que muito contribuíram, na organização justo é salientá-lo, o seu secretário-geral, Comendador Augusto Soares c Dom António Lancastre, que também, funcionou com a sua habitual eficiência como mestre de cerimónia.

Repetido o grandioso feito da noite anterior, o Orfeão Universitário do Porto, com os seus vários agrupamentos, deliciou a assistência com um espectáculo que teve a duração aproximada de 80 minutos e foi transmitido pelo canal 2, em audição extraordinária do programa «Caravela da Saudade», sob apresentação do produtor Alberto Mária Andrade, que, assim, levou ao público ausente a mensagem artístico-patriótica da representação do Porto, que tão magnificamente soube representar Portugal e torná-lo maior no conceito e na opinião gerais

No decorrer dessa apresentação o Sr. Comendador Pedro Monteiro Pereira Queirós, presidente da associação homenageante e do «Conselho da Comunidade Portuguesa do Estado de S. Paulo», entregcu as insígnias da Ordem Infante D. Henrique ao Magnífico Reitor da Universidade do Porto, Eng. Manuel Correia de Barros, ao Maestro Afonso Valentim e colocou uma terceira no estandarte do Orfeão, que também recebeu uma fita oferecida pela «Caravela da Saudade».

Seguiu-se um jantar-dançante de homenagem aos capas-negras que, de tal modo, confraternizaram com portugueses e brasileiros presentes, o que deu maior relevo à reunião.

Em fim de festa, e embora não estivessem preparados



A chegada do 2.º avião da FAP., transportando Orfeonistas. Aeroporto do Galeão no Rio de Janeiro.

ΝΔ

-MPRENSA BRAS-LE-RA



para o fazer, pois, segundo atirmaram, havia dois meses que não tinham ensaio, os componentes da orquestra de tangos do Orfeão, exibiram ainda todo o seu talento e arte, passando, aos olhos de muita gente, por ser uma orquestra genuinamente argentina».

SÃO PAULO: O ORFEÃO UNIVERSITÁRIO DO PORTO COBRIU-SE DE GLÓRIA

«Em promoção de «A Folha de São Paulo» perante numerosa assistência, realizou-se, em 16 do corrente, no Ginásio do Pacaembu, a primeira apresentação do Orfeão Universitário do Porto, que foi prestigiada pela presença de personalidades ilustres, entre as quais o Prefeito Faria Lima, que se fazia acompanhar do Dr. Cornélio Procópio, Chefe do Cerimonial da Prefeitura; Dr. Luís Soares de Oliveira, cônsul-geral de Portugal em São Paulo e Senhora; Dr. Augusto Rua Pinto Guedes, vice-cônsul e senhora; Comendador Artur Herculano Ferreira Leite, presidente em exercício do «Conselho da Comunidade Portuguesa do Estado de São Paulo» e senhora; presidentes e directores de todas as associações portuguesas e luso-brasileiras e representantes da imprensa, rádio e televisão.

Apesar do natural desgaste físico provocado por uma estafante viagem do Rio a São Paulo, o Orfeão Universitário do Porto fez uma primorosa e surpreendente exibição, não obstante a fama de que vinha precedido e amplamente confirmou, perante uma assistência selecta e erudita, que não lhe regateou aplausos, como o fez no final, em que, de pé, premiou a sua excelente actuação com entusiástica e prolongada salva de palmas.

Digressão ao Brasil

Misturando a arte, na sua mais legítima expressão, com o bom humor, os dois excelentes animadores Jaime Coutinho Lanhoso, formado em Medicina, e Raul Barros Leite, estudante de Engenharia, com o seu «noticiário» e as suas anedotas souberam emprestar à sessão a nota alegre e maliciosa que muito contribuiu para a boa impressão geral. Isto sem falar nos três «cientistas» dos «vasos comunicantes»...

Foi um espectáculo inesquecível, em que também participaram o grupo de fados, os grupos folclóricos de S. Martinho do Campo, de Arouca e Ilha da Madeira, a Tuna, etc.»

"LUSITO" orgão da U. P. E. B.

A UPEB PROMOVE ESPECTÁCULO DO O. U. P. PARA ESTUDANTES BRASILEIROS

«Esteve entre nós, a delegação orfe
õnica da Universidade do Pôrto.

A UPEB, como sempre acontece com a vinda destas delegações, colocou dois associados, durante o tempo de permanência no Rio de Janeiro, ao dispor do grupo, servindo-lhe de cicerone nas suas visitas aos lugares históricos e turísticos do Rio de Janeiro.

Das várias apresentações para o público do Rio de Janeiro, coube à UPEB, no penúltimo dia de sua permanência no Rio, promover um espectáculo para a juventude universitária brasileira.

A apresentação teve lugar na Escola Nacional de Música da Universidade do Brasil, que nos foi cedida graciosamente. Cerca de 1.000 estudantes e familiares estiveram presentes naquela noite assistindo à maravilhosa apresentação do grupo (embora que bastante desfalcado já), aplaudindo por cerca de duas horas, aquela juventude portuense.

Na oportunidade o Centro Académico Luso João de Deus, fez entrega, também aos universitários do Porto de uma lembrança dos componentes daquela agremiação que congrega todos os antigos estudantes do Colégio João de Deus do Porto.

Todos os números apresentados foram muito aplaudidos pela mocidade presente inclusivamente de pé, como mostra



Inauguração do Pavilhão Português no Rio de Janeiro. Os Orfeonistas prestam homenagem — estendendo as suas capas — à passagem do Governador da Guanabara, Ex.^{mo} Sr. Dr. Carlos Lacerda.

uma das nossas fotografias, quando cantaram a «Proposição dos Lusíadas».

As Associações Académicas que congregam os universitários do Rio, fizeram entrega ao O.U.P. duma «corbeille» representando cada flor uma Associação Académica.

Vários números tiveram que ser bisado o que demonstrou o alto interesse da parte brasileira, pelo espectáculo apresentado.

A Tuna Académica fechou com chave de ouro aquela noite o que granjeou vivos aplausos dos presentes, consagrando, assim, a vinda do grupo, que mais uma vez soube representar a tão digna universidade do Porto.

O sucesso foi absoluto e as cartas que nos chegam de Associações Académicas de todas as Universidades Brasileiras demonstram, de facto, de que há um interesse especial da juventude brasileira, pela vinda de novo, do O. U. P.

Vamos ficar em contacto com a direcção do O. U. P. pensando desde já, no seu retorno ao Brasil.

Torcemos por isso.»

Dedicado ao O.U.P.

(Publicado em Lusito — $15 \mid X \mid 65$ Río de Janeiro — Brasil)

EU TE ENTENDI:
quiseste dizer que podes ser
um passarinho quando queres
(e como é bela a sinfonia das aves)
que o fogo abrasador da tua voz
pode fundir esta dura couraça
que o mundo me vestiu;
e derreter a neve de meus cumes
e inundar de harmonia a minha alma

eu te entendi que mesmo na linguagem sem fonemas (tipi, tipi) de um Rossini. na célebre palavra de um Camões, temperada de séculos; no profundo lirismo de teu povo, vieste me dizer: que não estou sòzinho. Que penetrando a escuridão do mundo há o esplendor dos homens fraternais. O teu canto me envolveu. Faz renascer essa criança que eu calculava morta na impassível dinâmica do tempo, mas que vivia em mim fossilizada: obrigado, meu irmão, por teres me deixado descobrir-te. Entraste intempestivamente em minha casa e ficaste: não te vejo partir. Não há força capaz de fechar os meus braços depois que se abriram para ti.

FRANCISCO LOPES CHAO

O último espectáculo do OUP

21 de Setembro de 1965

Pode-se dizer que a disposição dos Orfeonistas não era, naquela noite, das mais próprias para que fosse um sucesso o espectáculo na Escola Nacional de Música do Rio de Janeiro. O programa tinha sido apertado, com actuações quase todos os dias e uma «escapada» super-rápida a S. Paulo; os «artistas» estavam francamente fatigados! Também não contribuia para melhorar o humor orfeónico a certeza de que seria aquela a última noite passada no maravilhoso Brasil. Na manhã seguinte partiria o primeiro avião da FAP com a maioria dos orfeonistas, destino a Portugal...



Sarau na Escola Nacional de Música do Rio de Janeiro. O público entusiasmado aplaude de pé «A PROPOSIÇÃO» último número interpretado pelo Coral no Auditório da Escola Nacional de Música.

Foi, portanto, um pouco mal encarados que nos dirigimos ao Teatro em que iríamos fazer as nossas despedidas. O acaso, como que a querer colaborar connosco, fez demorar o início do espectáculo; as cerimónias sucederam-se. Foram fitas na nossa tão sobrecarregada Bandeira, foram galhardetes distribuídos a todos os orfeonistas, e houve até uma condecoração para o Orfeão que uma gentil Miss Rio de Janeiro colocou no pescoço do porta-bandeira (feliz Abílio...). Seguiram-se os discursos: do Presidente da União Portuguesa dos Estudantes do Brasil e do Ismael Cavaco, nosso representante nas lides oratórias. Muitos aplausos, muita simpatia...

E o último espectáculo começou...

As condições acústicas do teatro eram excepcionais, ou não estivéssemos na Escola de Música! O público desde cedo mostrou o seu agrado e a sua disposição de nos mostrar o quanto apreciava a nossa actuação. Bisamos o Scherzo, de Rossini, uma feliz adaptação do Maestro Afonso Valentim, que, mais uma vez, entusiasmou a assistência. Outros números poderiam ter sido repetidos, tal o calor e a insistência dos aplausos; mas, quando soaram os últimos acordes da Proposição de Os Lusíadas, parece que uma tempestade desabou sobre nós! Era a última peça! Era a apoteose! O pano fechou mas foi necessário voltar a abri-lo! O público, de pé, não diminuia o vigor das aclamações! Não sei quantas vezes o pano fechou para voltar a abrir! O que

no Brasil

por

Jaime Lanhoso

sei, é que, pela primeira vez na História do Orfeão, a Proposição, que nós consideramos como o nosso Hino, pela primeira vez, repito, foi bisada!!! O que sentiram, naquele magnífico momento, os componentes do OUP, não se pode traduzir em palavras frias! Sei que alguns não conseguiram cantar a repetição! Viam-se lágrimas saltar dos olhos de muitos, até de alguns que se iria jurar não serem capazes de as verterem...

Talvez que a Proposição não tenha sido muito bem cantada, nessa segunda vez, mas é possível que a nossa comoção tenha sido apercebida pelo fabuloso público da Última Noite, pois os aplausos quase nos entonteceram! Naquele momento sentimos um orgulho tão grande em pertencer ao OUP, sentimos uma tal alegria, que todas as fadigas desapareceram e nós demos por bem empregados todos os sacrifícios que nos tinham sido pedidos até àquela noite.

Quando começamos o nosso habitual Acto de Variedades já os semblantes tinham o ar risonho do costume e ninguém falava em cansaço... O resto do espectáculo tornou-se um desfilar de triunfos para os vários grupos de variedades. Foram os Fados, as Danças Regionais, as Mornas e a Tuna, para fechar com «chave de oiro».

Era tarde quando terminou o nosso Último Espectáculo, mas ninguém tinha pressa! Aquela despedida deixou uma mistura de doce e amargo nos nossos corações sentimentais de Lusitanos...

Ninguém arredava pé do átrio do Teatro; autógrafos, trocas de endereços para futura correspondência, promessas de regresso, enfim, tudo a quanto nos tínhamos habituado no fim de cada espectáculo e a que por vezes procurávamos esquivar-nos, naquela noite, a nossa última noite no Brasil, ninguém fugia, a tudo nos prestávamos com um sorriso nos lábios...

Não, não esqueceremos nunca o Último Espectáculo! Mais; ele aumenta em nós o desejo de voltarmos a enfrentar esse público magnífico que tanta fidalguia nos demonstrou.

NÓS VOLTAREMOS, AMIGOS BRASILEIROS...

Noticiário

Abertura Solene das Aulas

Com a presença do ilustre Ministro da Educação Nacional, Prof. Doutor Galvão Teles e dos Subsecretários da Administração Escolar e Juventude e Desportos, Prof. Doutor Alberto Brito e Doutor Pinto Serrão, foram solenemente iniciadas em 21 de Outubro passado, as actividades referentes ao ano lectivo em curso.

Na sessão solene, que teve a tradicional colaboração do O. U. P., proferiu a oração de sapiência o Exmo. Sr. Prof. Doutor Abel Tavares.

O Prof. Doutor Galvão Teles visitou a Sede do O.U.P.

No passado dia 21 de Outubro, Sua Ex.º o Ministro da Educação Nacional, acompanhado pelos Subsecretários, Prof. Doutor Alberto Brito e Doutor Eng.º Pinto Serrão, membros do seu Gabinete, Reitor e vários Professores da U. P., visitou a Sede do Orfeão onde, após breve de sessão de cumprimentos, descerrou uma lápide comemorativa da sua visita.

Novos Sócios Honorários do O.U.P.

A A. G. do O. U. P. aprovou por aclamação uma proposta da Direcção, nomeando seus Sócios Honorários: Sua Ex.ª, o Ministro da E. N., Prof. Doutor Galvão Teles e o Subsecretário da Juventude e Desportos, Doutor Pinto Serrão. Revista ORFEÃO cumprimenta Suas Ex.ªs e orgulha-se de lhes poder testemunhar em nome do O. U. P. a sua profunda gratidão



Descerramento da lápide comemorativa, na Sede do O. U. P., da visita do Sr. Prof. Doutor Galvão Teles

Recepção aos Novos Orfeonistas

Como vai sendo tradicional, foram solenemente recebidos no seio da Família Orfeónica os Novos Orfeonistas admitidos no presente ano lectivo. Em sua honra, realizou-se um Sarau no Salão Nobre da Faculdade de Letras a que assistiram o nosso Magnífico Reitor, Prof. Doutor Correia de Barros, Professores da U. P., antigos Orfeonistas e Família dos Caloiros do Orfeão que no fim foram objecto de uma «prolongada» e «severa» sessão de «Baptismos».

Saraus na Quadra do Natal

Seguindo uma orientação iniciada há alguns anos atrás, realizou o O. U. P. dois Saraus integrados nas festas natalícias. Este ano dedicou-os o Orfeão à Guarnição Militar do Porto—espectáculo realizado a 17 de Dezembro no Pavilhão dos Desportos—e funcionários e internados no Hospital Geral de Santo António—efectuado no Salão Nobre do Hospital a 15 de Dezembro. Os referidos Saraus mereceram do público que a eles assistiu e à imprensa portuense as mais elogiosas referências.

Novos discos do O.U.P.

A juntar aos discos do O.U.P. já gravados: da Tuna, 2 de Tangos e 1 de Mornas de Cabo Verde, foram gravados recentemente um disco de Baladas por Raul Barros Leite com poemas seus e de Miguel Torga e dois outros da Tuna e Tangos respectivamente. Estes discos serão em breve postos à venda na Sede do O.U.P. onde também podem ser adquiridos os restantes.

Secretariado de Antigos Orfeonistas

Concretizando uma ideia já antiga, a Direcção do O. U. P. decidiu organizar o Secretariado de Antigos Orfeonistas que, conforme o enunciado no comunicado enviado aos Antigos Orfeonistas de endereço conhecido, se destina a:

- Estabelecer um elo de permanente ligação entre os Antigos Orfeonistas e o O. U. P. e entre os Orfeonistas em si, como membros da Grande Família Orfeónica.
- Informar regularmente os Antigos Orfeonistas das realizações e projectos do nosso Orfeão.
- Aglutinar a enorme força que podem constituir as diversas gerações de Antigos Orfeonistas se a ele unidos efectivamente, contribuindo para tornar o nosso Orfeão cada vez maior.
- Concretizar em realizações regulares a camaradagem que existe entre todos aqueles que um dia pisaram um palco em representação do Orfeão Universitário do Porto.
- 5. Promover a aproximação dos Orfeonistas espalhados pelo mundo, criando núcleos organizados, nas localidades em que o seu número o justifique.

Aos Antigos Orfeonistas que não receberam ainda o citado comunicado, pedimos que o solicitem para a Sede do O.U.P., indicando o seu actual endereço e o de outros colegas que conheçam.

Sarau Anual

O tradicional Sarau Anual do O. U. P. realiza-se este ano no Coliseu do Porto no dia 24 de Março, quinta-feira, pelas 21,30 horas.

Ciclo de Conferências sobre música moderna proferidas pelo Dr. João de Freitas Branco

Numa das salas da Faculdade de Letras do Porto, o Dr. João de Freitas Branco proferiu, nos dias 21 e 28 de Janeiro, 4, 11 e 17 de Fevereiro e 4 de Março, seis conferências subordinadas ao tema: Os Grandes Estilos da Música Moderna. Especialmente dedicado aos Estudantes do Ensino Superior, este ciclo de lições ilustradas com audição de trechos musicais e projecção de reproduções de artes plásticas foi subsidiado pela Fundação Calouste Gulbenkian e organizado pelo O. U. P.

Descendente de uma família de músicos, João de Freitas Branco tem desenvolvido grande actividade de conferencista, especialmente junto dos meios académicos universitários e de associações culturais. Fundador da Juventude Musical Portuguesa, de cuja direcção é presidente, intimamente ligado à Academia de Amadores de Música e ao Círculo de Cultura Musical, Freitas Branco alia a uma formação completa de artista um estruturado conhecimento da arte musical e da sua história

Por isso o público interessado esgotou sempre a lotação da Sala e não regateou aplausos quer ao conferencista quer aos bons trechos musicais que, como exemplificação, foram apresentados.

Começando por apontar ràpidamente os factores que produziram o movimento moderno no campo das artes, Freitas Branco analisou a evolução da arte musical desde os fins da Idade-Média até ao século XX. Para tanto, expôs os elementos básicos da composição musical, recorrendo a esquemas gráficos desenhados e a exemplos de acordes, dados ao piano. As conferências obedeceram aos seguintes temas:

- 1.ª A modernidade na música;
- 2.ª O estilo neerlandês, ou o apogeu da polifonia;
- 3.ª O estilo barroco, ou o poder absoluto do baixo -continuo:
- 4.ª O estilo clássico ou o primor do equilíbrio;
- 5.ª O estilo romântico, ou a exaltação do Eu;
- 6.* Uma visão problemática da música do séc. XX.



Após a sua visita à Sede do O. U. P. o Senhor Ministro da Educação Nacional, pisa sorridente as capas que alguns orfeonistas gostosamente lhe estendem.

Esperamos poder publicar um resumo autorizado destas conferências, em números seguintes de REVISTA ORFEAO. Ele ficará como elemento de estudo, ao dispor de quantos se interessam por assuntos relacionados com a música e sua evolução.

PORTO EDITORA, LDA.

LIVRARIA

PAPELARIA

RUA DA FÁBRICA, 84 -

- PORTO

Quando necessitar de um bom dicionário tenha sempre presente os Dicionários «EDITORA»

Dicionário de Português — por J. Almeida Costa e A. Sampaio e Melo, com a colaboração de diversos professores especializados.

Dicionários de Francês-Português — por Olívio de Carvalho.

Dicionário de Português-Francês — por Olívio de Carvalho.

Dicionário de Espanhol-Português — por J. M. Almoyna.

Dicionário de Inglês-Português — pelo Dr. Armando de Morais — professor metodólogo do Liceu Normal de D. Manuel II, do Porto.

Dicionário de Verbos Franceses — pelos Drs. Virgínia Mota, Irandino F. Aguilar e Ernâni Rosas.

DEPOSITÁRIO EM LISBOA:

Empresa Literária Fluminense, Lda.

RUA DA MADALENA, 145

ÓSCAR DA SILVA



Conquistou por toda a parte os mais calorosos aplausos. Na Argentina, contratado pela Associação Wagneriana de Buenos Aires, Academia Musical que só apresentava nomes de reputação mundial, conseguiu tais louvores da crítica bem como a sua Obra que, ao acaso, transcrevemos: «Brilhantemente desenvolvidas as «Páginas Portuguesas» sobre temas folcióricos portugueses, que entusiasmaram o público» — De «La Acción» de Buenos-Aires. Seguindo para o Uruguai classificam-no como «artista de excepção. «As Páginas Portuguesas» entusiasmaram o auditório, sendo Oscar da Silva obrigado a repetir alguns números» — «EL Bien Público», de Montevídeo.

A propósito ainda dessas composições escrevia-se no «Secolo XX», de Génova: Entre as surpreendentes composições de Da Silva, as «Páginas Portuguesas» fizeram as delícias do público, entusiasmando-o até ao mais alto grau. (...) O sr. Da Silva teve de bisar algumas «Páginas».

«Lavoro», de Génova, em 20 de Março de 1923 trata do Artista nos seguintes termos: «O sucesso do compositor português foi muito grande tanto mais difícil, quanto é certo que ele se exibiu ante um público culto e entendedor, que não é fácil de contentar, com um programa em que figuram composições de um único autor (Óscar da Silva)»

Óscar da Silva, que percorreu o mundo, no Egipto diz, por exemplo: «The Sphinx»: «O sr. Óscar da Silva levou a efeito o primeiro dos seus dois recitais anunciados. (...) Este programa arrancou aplausos entusiásticos. O ilustre artista português revelou grande originalidade de concepção e com facilisade se evidenciou em difícil técnica e «tonal charm».

Na vizinha Espanha também era muito apreciado emosso compatriota. «Um êxito colossal obteve o grande concertista Oscar da Silva, que, tomo compositor e como executante, triunfou em toda a linha» trazia «La Prensa» após um concerto do Mestre. E, o eminente crítico, Alonso Querada, dizia no «El Liberal»: «To nos cansamos de ouvir essas maravilhosas «Páginas» sobre mótivos populares portugueses. É uma emoção desconhecida para nós, nem sonhada sequer. E como o nosso grande Albeniz que levou pelo mundo a vigorosa entranha popular dos espanhóis, Oscar da Silva começa a semear as emocionadas harmonias da sua Pátria com um talento e espiritualidade admiráveis».

Sobre Oscar da Silva, escreveram as maiores individualidades nas artes e letras de Portugal, como Fialho de Almeida, Ramalho Ortigão, Henrique Lopes de Mendonça, D. João da Câmara, Gomes Leal, Manuel de Arriaga, Conde de Arnoso, Júlio Dantas, Antero de Figueiredo, Aarão de Lacerda, Teixeira de Pascoais, Jaime Cortesão, Júlio Brandão, Augusto de Castro, etc.

Caricaturado pelo eminente Rafael Bordalo Pinheiro, Manuel Gustavo, Celso Hermínio, Leal da Câmara, Sebastião Sanhudo e outros.

Citado nos mais importantes Dicionários e Enciclopédias, não existem para Oscar da Silva adjectivos que lhe cheguem.

Glória da música portuguesa, disse António Arroyo, que, «o respeito que em nós faz nascer, leva-nos a não o tratar com o desprezo dos adjectivos e advérbios amáveis tão apetecidos aos trocanotas e trocatintas vulgares».

Mostramos páginas atras a sua figura e ligeiros traços da sua personalidade, através de retratos de amigos que o conheceram bem.

Entretanto o tempo é impiedoso; não poupa nada nem ninguém.

Em 1942 tinha o Músico a bonita idade de 82 anos e ainda com ânimo, como o fez, de percorrer o Brasil de lés a lés, deliciando os auditórios com a sua virtuosidade. Na «Voz de Portugal», do Rio de Janeiro, escreveu o distinto jornalista Armando Boaventura um longo e minucioso artigo biográfico de que extraímos: «Enxuto de carnes. A face glabra, de perfil anguloso. Os olhos como duas pedras de ónix, umedecidas — reflectindo o mistério da sua alma de artista em extasis... Se envergasse um burel, dir-se-ia um monge arrancado ao silêncio da cela e arrastado para o mundo, para, no mundo continuar a viver em contemplação e recolhimento... Misto de asceta — por si mesmo condenado ao isolamento, para melhor receber a inspiração que, do interior anima a sua obra — e, boémio solitário em cuja alma há euritmos acordes de «Noturnos» de Chopin e que, vida fora, como na canção de Jules Jony:»

«Seul, le noctambule Rôde et déambule Comme un somnambule À travers la nuit...»

Escrevemos muito sobre Óscar da Silva, mas pouco é para quem teve uma vida polímoda, inconfundível em variados aspectos. Estas muitas páginas só oferecem uma pálida, muito ténue ideia que, contudo, não deixarão de, principalmente, aos simpáticos orfeonistas do brilhante Orfeão Universitário do Porto, julgamos, ainda que sem método e à pressa escritas, de lhes dar a conhecer um pouco sobre o genial «tripeiro».

E pode a juventude universitária estar certa, que, se o Mestre vivo fosse, e pudesse ouvi-la interpretar as suas melodias, os olhos marejar-se-lhe-iam de lágrimas, pelo orgulho em se sentir compreendido. Por ver a continuidade da sua Obra não morrer, pois a mocidade nunca pode deixar morrer, nem o que é Belo, nem o que é Português! E ele amava a mocidade porque sempre foi moço o seu espírito e era um português de lei; já o afirmara Raul de Caldevilla: «se encostarmos o ouvido ao coração de Óscar havemos sentir palpitar lá dentro a alma contemplativa e amorável da raça portuguesa».

Caeacoulin

(fac. simile da rúbrica de Óscar da Silva)

agência abreu

FUNDADA EM 1840

 \star

TURISMO . VIAGENS . TRANSITOS

Porto — Coimbra — Lisboa — Rio de Janeiro

Parece que ao nascer foi embalado Co' a berceuse mais terna de Chopin! Gorgeavam rouxinóis nessa manhã Deixando o próprio Deus maravilhado.

Sonhador d'harmonias, inspirado Na grande arte da música alemã, A sua bela alma é quasi irmã Da de Schumann, esse génio consagrado.

Ninguém melhor exprime o sentimento Escrevendo qualquer composição, Nem dedilha melhor um instrumento!

Em tudo é um primor de tradução, Quer seja uma alegria ou um lamento; Só ele fala assim ao coração!

E. L.

ERSOS DED-CADOS

ÓSCAR

28 - 8 - 1904 (Caldas da Rainha)

SALVÉ!!!

Ao grande pianista Óscar da Silva

Ao vê-lo tão modesto e delicado, Tão longe duma pose insinuante, Ao ver-lhe um modo tão despreocupado E a fraseologia cativante.

Nota-se-lhe um alto génio cultivado, Uma odisseia, um coração amante, Um ser sempre da arte enamorado, E nunca a aspereza rude dum gigante.

Mas ao vê-lo a um piano, que mudança, Naquela ingenuidade então se opera: Vê-se um gigante em vez duma criança.

O homem evolou-se. A atmosfera Exala enlevo, arte, amor e esperança E no piano há um sol que reverbera.

QUIRINO DE SOUSA

(in «Alvorada Diária» - New Bedford. Mass. - 19-5-1921)

SINFONIA DA NATUREZA

Ao eminente compositor português Óscar da Silva

Meia noite. Silêncio em toda a parte.

A Natureza dorme — tudo dorme.

Da mata gigantesca, nem um pio

De ave, nem o estoirar de um galho quebra

O silêncio que a noite em tudo imprime...

No céu — na vastidão dos mundos — passa.

Solenemente bela, a lua cheia...

Ouvem-se ao longe cânticos sonoros...

— É o galo sempre alerta que anuncia
O terminar da noite — a volta à vida!
Cânticos se repetem... — Orquestração
Divinamente bola e magestosa! —
E o véu da noite — o reposteiro imenso —
Se desfazendo, cai. Resplendo a Auróra!...

Por trás dos montes surge o sol fecundo — O astro rei gigante Deus dos astros — E a Natureza, em doce embriaguez, Freme de gôzo... e se espreguiça, diante Do esplêndido lençol da luz do dia!...

PLINIO SANTOS

(in «Diário da Manhã» Ribeirão Preto-S. Paulo Brasil - 4-1-1919)

SUCESSO DA «DONA MÉCIA»

Ópera lírica de ÓSCAR DA SILVA

Alma d'artista, em corpo são, Varrendo a feira n'um momento. Maestro luso-alemão, Com dez léguas de coração, E vinte léguas de talento!

Da capa da Revista «A Paródia» de Rafael Bordalo Pinheiro Lisboa, 10 de Julho de 1901:

CONCERT Music Hall AT 8,15 Wednesday Evening, June 8

ÓSCAR DA SILVA Composer And Pianist

ARTE

Ao previligiado Artista Óscar da Silva

Nas suas mãos artísticas, nervosas Aflora a alma em ondas de harmonia O sonho, o amor, o êxtase, a alegria A dor nas emoções angustiosas.

Em notas magistrais a suspirar Palpitam nessas mãos onde irradia O génio que transporta a fantasia Da arte às culminâncias assombrosas.

Sente-se em cada nota transparecer De inspiração sublime uma centelha Que as almas faz vibrar até dizer,

Na apoteose que esta glória exprime Ó alma nacional curva-te, ajoelha Perante o artista genial, sublime.

MARIA FEYO

Algumas obras de

Óscar da Silva

1.^a FASE — ATÉ 1920

PARA PIANO:

- 1 RAPSÓDIA PORTUGUESA EDITION PETERS)
- 2 QUATRO TRECHOS (ED. BREITKOPF & HARTEL)
- 3 SCHERZO
- 4 NOCTURNO
- 5 IMAGENS (ED. RAAB) (1)
- 6 TARANTELA
- 7 MAZURCAS
- 8 DOLOROSAS (ED. SASSETTI)
- 9 PETITES VALSES (cinco números)
- 10 MARCHA TRIUNFAL DO CENTENÁRIO DA ÍNDIA 1.º PRÉMIO DO CONCURSO (**ED. SASSETTI**)
- 11 PÁGINAS PORTUGUESAS (ED. SASSETTI)
- 12 BAGATELAS (ED. SASSETTI)
- 13 DONA MÉCIA (NOVELA LÍRICA EM 2 ACTOS)

MÚSICA DE CÂMARA:

- 14 SONATA «SAUDADE» PARA VIOLINO E PIANO
- 15 «QUARTETO» COM PIANO

PARA CANTO:

16 - ROMANCES (oito números)

PARA VIOLINO:

17 — MELODIA

DUAS CASAS

que tudo o que fabricam e vendem é bom

PRIMAR

CONFEITARIA SALÃO DE CHÁ

RUA DO CARMO

FILIAL: — Rua Mártires da Liberdade, 139-145 Tel. P. P. C. 25858 - 28458 - PORTO

PARA PIANO:

- 1 GIROUETTES
- 2 PANDEMONIUM
- 3 NOSTALGIES
- 4 VIEILLERIES (Treze números)
- 5 MOI (três números)
- 6 ÉTUDE (n.º 1)
- 7 BOUOUET VIOLET
- 8 EXTRAS (1.º Caderno, 3 números)
- 9 EXTRAS (2.º Caderno, 3 números)
- 10 EXTRAS (3.º Caderno, 4 números)

PARA VIOLINO:

11 - FRASES

PARA CANTO:

12 — SILENCE!

3.a FASE - DEPOIS DE 1935

PARA PIANO:

- 1 VALSAS (13 números)
- 2 PRELÚDIO (13 números)
- 3 QUEIXUMES DESALENTO DESILUSÃO FATALIDADE INQUIETAÇÃO INFELICIDADE OBSESSÃO NOSTALGIA AGITAÇÃO DESCONFORTO PESAR SUAVE LEMBRANÇA DESCRENÇA REVOLTA FÉ REPOUSO MISTÉRIO CONFORTO FIM).
- 4 MAZURCAS (Nova série 4 números)
- 5 ROMÂNTICAS (3 números)
- 6 HUMORÍSTICAS de carácter popular (2 números)

4.ª FASE — DEPOIS DE 1951

PARA PIANO:

- 1 SAUDADES (4 números)
- 2 DIVERTIMENTOS (5 números)
 ESTADOS DA ALMA
 FANTASIA
 UM QUINTETO DE CORDA



JOSÉ M. ALVES & F.º, SUCR.

MATERIAL DE LABORATÓRIO

R. do Carmo, 9 - P O R T O - Telefone, 25971

Algumas notas da sua biografia

- 21-4-1870 Nasceu na Rua de Costa Cabral (Porto)
 - 1880 Sai do Colégio de St.^a Catarina onde fez exames até ao 3.º ano.
 - 1883 Rege um côro de crianças com uma obra de sua autoria «Hino Infantil» composta aos 11 anos de idade.
 - 1886 Vai residir para Lisboa, para a Rua da Alegria
 - 1886/87 Inscreve-se, como aluno externo do Real Conservatório de Lisboa, no 1.º-2.º e 3.º ano de Rudimentos, faz exames a 1, 6 e 24 de Outubro de 1887, sendo classificado respectivamente, no 3.º ano com distinção e, nos outros, aprovado plenamente.
 - 1891 Estreia-se como concertista no Teatro da Trindade em Lisboa
 - 1892/93 Matrícula-se no Real Conservatório de Leipzig
- 20-1-1893 Acto público, apresentando-se com a Orquestra do Real Conservatório de Leipzig, regida por Hans von Sitt, conquistando a 1.ª Classificação, dentre todos os alunos, nas provas finais (Hauptprüfung)
- 30-11-1893 Diplomado pelo Real Conservatório de Leipzig
- 17-3-1894 -- Estreia-se em Paris na sala Plevel
- 4-6-1894 Membro Honorífico da Real Academia de Música, de Lisboa, da Presidência do Rei D. Carlos
 - 1896 1.º prémio do Concurso organizado, aquando das Grandes Festas do Centenário da Índia, em Lisboa, pela sua composição para banda, «Marcha Triunfal do Centenário da Índia».
- 14-5-1896 Sócio Honorário da Tuna Académica de Lisboa
 - 1901 Membro Honorífico do Orpheon do Porto.
- 11-7-1901 «Récita extraordinária de homenagem ao laureado compositor Óscar da Silva, com a ópera D. Mécia» no Coliseu dos Recreios (Diário de Notícias, de Lisboa)
 - 1904 Medalha de Ouro atribuída pelo Júri Musical da Exposição Internacional de St. Louis (U. S. A.) pela sua ópera D. Mécia
 - 1915 Nomeado pelo Ministério da Instrução Pública para fazer parte de uma Comissão para remodelação do ensino musical em Portugal
- 27-2-1916 Homenageado no Teatro de Sá da Bandeira, do Porto. No final da representação da ópera. D. Mécia, entregue uma mensagem lida, em cena aberta, pelo Maestro Raimundo de Macedo e coroado com uma coroa de louros.
 - 1920 Nomeado Sócio do Instituto de Coimbra
- 29-5-1920 Sócio Honorário do Clube de Leça
 - 1921 Homenageado no Instituto Internacional, de Providence na América do Norte sendo apresentado à assistência pelo Cônsul de Portugal.
 Convidado pelo mesmo Instituto para Director de um Conservatório de Música em Rhode Island

- 2-11-1922 Incumbido pela Câmara Municipal do Porto, de organizar o Saráu de Gala em honra dos aviadores Gago Coutinho e Sacadura Cabral
- 20-5-1932 Oficializado o «Hino da Colónia Portuguesa do Brasil», da sua autoria, incluído em orfeões e bandas e interpretado pela primeira vez pela Banda Portugal em 10 de Junho, deste ano
- 7-7-1932 Sócio Honorário do Orfeão de Portugal, do Rio de Janeiro
- 28-4-1933 Convidado para Director Artístico das «Horas Portuguesas» (A Voz de Portugal através da Rádio)
- 12-7-1933 Nomeado Delegado, no Rio de Janeiro, da Sociedade Humanitária 1.º de Dezembro do Maranhão
- 18-7-1933 Nomeado para fazer da «Comissão Julgadora do Concurso aos Prémios de Piano» dos Institutos Nacional de Música, da Universidade do Rio de Janeiro
 - 1935 Patrocinada a publicação de uma edição de obras de Óscar da Silva, no Brasil, pela Junta da Educação Nacional de Lisboa
- 15-2-1937 Sócio Honorário da Casa de Portugal, do Rio de Janeiro
- 7-5-1937 Homenageado no Teatro Politeama, de Lisboa, em Concerto patrocinado pelo Chefe do Estado General Carmona
- 8-6-1937 Homenageado no Teatro de D. Maria, de Lisboa
 - 1937 Citado e à sua Obra por Wanda Landowska no Posto Nacional de Rádio Paris.
 - 1937 O Conservatório de Música de Leninegrado, adopta para estudo e consulta as obras do Mestre
- 27-7-1937 Concessão do grau de Comendador da Ordem Militar de Santiago da Espada
- 1-4-1937 Oferta da Medalha de Ouro de Mérito Artístico, da cidade do Porto: «ao eminente Artista Óscar da Silva, portuense ilustre, autor de uma obra musical bem representativa do sentimento lusíada, consagrada em Portugal e no estrangeiro» (Acta da Sessão da C. M. P.)
- 15-6-1937 Concerto de Homenagem no Teatro Rivoli, do Porto e descerramento de uma lápide comemorativa oferta dos seus discípulos, bem como dádiva de um pergaminho com iluminuras numa capa artisticamente trabalhada
 - 1937 Homenageado pela Câmara Municipal de Matosinhos dando a parte da rua da Amorosa, em Leça, o nome de Rua de Óscar da Silva.
- 11-7-1939 Homenageado pela Câmara Municipal de Ponta Delgada
- 27-7-1939 Hemenageado pela Câmara Municipal do Faial
- 12-8-1939 Homenageado pelo Orfeão de Angra do Heroísmo
- Março 1939 Oferta de um placa em prata, homenagem do Rádio Clube de Benguela

- 5-6-1942 Homenagem no Salão Nobre da Real Sociedade Clube Ginástico Português, do Rio de Janeiro, organizada por um grupo dos seus admiradores
 - 1943 O Departamento de Imprensa e Propaganda do Rio de Janeiro, patrocina-lhe uma digressão artistica pelo Estado de S. Paulo e, depois, sob os auspícios da Comissão Municipal de Cultura de Santos
- Abril 1944 Homenageado na Escola Normal «Carlos Gomes» e no Instituto Musical «Dr. Gomes Cardim» de Campinas
 - 4-6-1945 Por iniciativa do Centro Cultural de Botucatú (Brasil) homenagem e concerto na Rádio Emissora da PRF-8
 - 2-6-1947 Adquirido pelo Estado Português o magistral quadro de Henrique Medina, retratando Óscar da Silva, em sua homenagem, e, depositado no Museu Nacional de Soares dos Reis, do Porto
- 17-9-1951 Regressa definitivamente a Portugal, por intercessão do Senhor Presidente do Conselho Prof.
 Dr. Oliveira Salazar e concedida uma pensão vitalícia
 - 1953 Patrocinada a publicação das suas obras pelas Câmaras Municipais de Lisboa e Porto, Instituto de Alta Cultura e Secretariado Nacional de Informação e Cultura Popular
- 29-6-1954 Homenageado pelo Ateneu Comercial do Porto
- 30-6-1954 Grande concerto de homenagem, no Teatro Rivoli, do Porto, com um programa totalmente preenchido por obras do Mestre, executadas pela Orquestra Sinfónica do Porto, dirigida pelo Maestro Ino Savini
- 12-7-1954 -- Homenagem no Clube de Leça da Palmeira
- 6/7-3-1958 Falecimento do Mestre, em Leça, e, funeral custeado pelo Estado. Última homenagem ao grande Óscar da Silva, com representação oficial e colaboração da Orquestra Sinfónica do Porto e das Pequenas Cantoras de Portugal, dirigidas respectivamente pelos Maestros Silva Pereira e Virgílio Pereira

AGÊNCIA EDITORIAL

Aug. Valente, Sucr.

REPRESENTANTE DAS CASAS EDITORAS EM PARIS:

LIVRARIA MALOINE, LIVRARIA LAROUSSE E A R I S T I D E S Q U I L L E T

> R. DA FÁBRICA, 38 - 3.º - SALA 37 TELEF. 20785 . PORTO

INDISCRIÇÕES



SI NON ÉS VERO...

Quando o Dr. António José de Almeida, em 1911, fundou a Universidade do Porto, foi na mesma altura publicada uma reforma do ensino que, entre outras disposições, determinava que os cursos fossem livres. Como é natural, os mestres comentaram as vantagens e desvantagens de tal disposição e conta-se que o Conselheiro Arroio — que era professor de Química da Faculdade de Ciências e um grande «blagueur» — ao ser interrogado sobre qual a diferença que existia entre cursos livres e cursos presos, a definiu deste modo:

— Nos cursos presos quem fala é o aluno e quem goza é o mestre; e nos cursos livres quem fala é o mestre e quem goza... são os alunos...

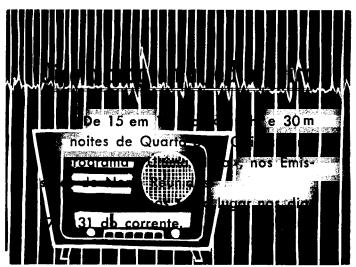
Conta-se ainda que o prof. Alves Bonifácio — outro mestre que deixou nome e a quem se atribuem as anedotas mais inconcebíveis...— ao ter conhecimento daquela resposta, não se mostrou de acordo com o colega, e teria definido os cursos livres como sendo aqueles em que os professores estão livres de ensinar e os rapazes livres de aprender...

ELE LA SABIA...

Em 1911, Alcântara de Morais — já licenciado em Filosofia pela Universidade de Coimbra, engenheiro pela velha Academia Politécnica do Porto e a cursar Medicina — fundou a Associação dos Estudantes do Porto e um jornal, que seria o órgão da mesma, que tinha por título ALMA. Como homem de iniciativa, entendeu aquele saudoso engenheiro que o jornal devia ter a colaboração dos Mestres.

Deste modo dirigiu-se ao Prof. José Diogo Arroio —. O Sr. Conselheiro, como todos o tratavam... homem superiormente inteligente, de fina ironia, e que em troca de uma «bôa saída» não poupava quem quer que fosse — e disse-lhe ao que ia. Quando chegou a altura de o informar que alguns professores também colaboravam no referido jornal, Meste Arroio, com um sorriso a aflorar-lhe aos lábios, atalhou logo:

- Então temos Sebenta...



BRASIL 65

BRASIL, sonho de muitas gerações, aconteceu na verdade — o O. U. P. participou nas comemorações do IV Centenário da «Cidade Maravilhosa».

(Repórter Carioca esteve lá e vai contar-nos como foi...)

SETEMBRO 65

- 8 Num avião de F. A. P. partiram de Lisboa 25 dos 90 elementos que constituem o Orfeão Universitário do Porto, organismo que o Governo Português envia às Comemorações do IV Centenário do Rio de Janeiro, em Representação da Universidade Portuguesa.
- 9 O Galeão foi hoje propriedade quase exclusiva dos organismos Lusos do Rio que aqui se deslocaram para receberem o 1.º grupo dos estudantes do País Irmão. Seus «gritos de guerra» alertaram toda a aerogare e fizeram recair nossa atenção sobre o traje académico que envergam os Universitários em Portugal: uma calça vulgar e uma labita» (que eles chamam de batina) uma capa cheia de recortes e onde estão presos alguns emblemas. Todo o traje é negro, o que nos leva a desaconselhá-lo para os nossos estudantes por causa do calor. Uf!!!
- 10 ÔBA!! Chegaram hoje pela manhã os restantes 65 elementos do Orfeão da Universidade do Porto. Durante mais de uma hora, o Galeão esteve excepcionalmente animado com a «bagunça» provocada pelos universitários que trocavam impressões com os seus colegas que tinham chegado no dia anterior. O bom-humor e a simpatia irradiante das mocinhas «capas negras» são a nota dominante deste agrupamento estudantil. Os «capas negras» estão instalados na Cinelândia no Hotel REX e tomam suas refeições no Clube Ginástico Português.
- 11 Os Universitários Portuenses formaram a guarda de honra às altas individualidades portuguesas e brasileiras que estiveram presentes à inauguração do Pavilhão de Portugal.

Por conversas tidas com vários elementos, soubemos já que a praia de Copacabana ultrapassou as previsões mais optimistas dos moços que lá foram procurando «bikinis».

À noite a moçada assistiu ao Baile das debutantes no Orfeão de Portugal.

Foi lindo ver as mocinhas lindas em seus vestidos brancos dançando com os estudantes todos de negro. Dir-se-ia estarmos num baile dos tempos áureos de Viena de Austria.



12 — O ponto marcante do dia de hoje foi o Espectáculo de Gala dado pelo Orfeão às individualidades portuguesas e brasileiras e ao corpo diplomático no Teatro do C. G. Português.

Tanto na 1.ª parte (dedicada à Música Coral profana e religiosa, como na 2.ª (dedicada à Música polifónia portuguesa) pudemos apreciar o alto nível atingido pelos estudantes portugueses sob a regência vigorosa do Maestro Afonso Va-



O Orfeão embarca num dos aviões da FAP. no Aeroporto do Galeão rumo a Lisboa.

lentim. Destacamos a sua preciosa adaptação do Scherzo de Rossini e a modinha brasileira «Terras Feiticeiras» que se ouviu em 1.ª audição.

A 3.ª parte foi um autêntico «show» da graça e versatilidade dos estudantes que, após uma breve mas significativa saudação ao povo brasileiro, nos deliciaram com uma Serenata típica ao que se seguiram danças de diversas regiões do Continente e Ilhas.

Após a apresentação do Grupo de Mornas de Cabo Verde (que também nos fez lembrar a nossa música Sertaneja) o espectáculo findou com a Tuna do Orfeão interpretando algumas Rapsódias Portuguesas e uma Miscelânia Luso-Brasileira. De destacar que todas as composições executadas são de autoria de antigos e actuais componentes da Tuna, o que demonstra bem o amor que estes moços dedicam à Música do seu País. Resumindo: Um bom espectáculo que recomendamos aos nossos leitores particularmente- aos portugueses a quem as 3 horas de «show» farão reviver a sua terra natal.

13 — Pelo Governo da Guanabara foi hoje oferecido à caravana portuguesa um passeio pelos pontos turísticos. Entusiasmados com as belezas naturais não deixaram no entanto de exaltar as «belezas monumentais» de carne e osso que viram por nossa cidade afora, e que retribuiam os galanteios e as gentilezas dos simpáticos portugueses. Mais um passo para a realização da Comunidade Luso-Brasileira...

A noite, o Corpo Coral apresentou-se perante as câmaras de T. V. Globo, integrando sensacional programa. Repetiu-se no vídeo o êxito obtido no palco do Ginástico C. P.

14 — Segundo informações fidedignas os Universitários Portugueses já não têm tempo para atender aos inúmeros convites que de todos os lados lhes chegam para tomarem suas refeições em casa de Portugueses radicados no Rio. No entanto como quase sempre os pedidos são feitos pelas filhas

dos nossos irmãos de Além-Mar, os Estudantes não sabem dizer que não e lá vão arranjando tempo para tudo. Sabemos que alguns ainda nem tempo tiveram de escrever à família, dizendo que chegaram bem.

Até S. Pedro tem feito gala em proporcionar à moçada do Orfeão um tempo fresco e ameno.

15 — Foi mais uma noite de êxito para juntar a tantas outras do longo historial do Agrupamento Estudantil o espectáculo dado ontem no Teatro Ginástico e que hoje, estamos certos, se repetirá em sua terceira e última actuação nesse palco.

Esta tarde os estudantes passearam novamente pela cidade e foram unânimes em afirmar que estão encantados com o Rio e a tradicional hospitalidade Brasileira.

Na realidade, não é em vão que se afirma sermos irmãos. Amanhã os Universitários partem para S. Paulo, regressando no dia 18.

16 — Após acidentada viagem, os estudantes portugueses chegaram em cima da hora ao Pacaembu e deram o espectáculo sem sequer terem jantado. Embora não sendo profissionais mas cientes da sua responsabilidade perante o imenso público que enchia o Pavilhão paulista sacrificaram o jantar e um merecido descanso após 12 horas de onibus, para poderem oferecer o seu belo espectáculo.

No final, e com o cansaço estampado em seus rostos suados, os estudantes ouviram uma enorme ovação que de pé lhes foi tributada por quantos presenciaram a bela Noite de Arte que proporcionaram.

17 — De manhã os «capas negras» deram uma pequena volta por S. Paulo e à tarde após uma passagem pelos principais pontos turísticos visitaram a Bienal e o Hospital da Beneficiência Portuguesa de S. Paulo, tendo-lhes sido oferecido um lanche-volante na churrascaria «Pão de Açúcar» de propriedade de um seu «patrício».

À noite foram distinguidos pela Casa de Portugal com um jantar dançante, durante o qual, actuaram, para o programa «Caravela de Saudade». Perante as câmaras de T. V. mais de 4 milhões de pessoas tiveram assim ensejo de apreciar um pouco do magnífico «show» dos Universitários Portuenses.

Seguiu-se um sumptuoso baile nos Salões da Casa de Portugal após o que partiram para o Rio.

18 — Após uma fatigante noite de viagem, os Estudantes Portugueses tiveram hoje um dia sem compromissos que aproveitaram para descansar. À noite efectuaram o seu espectáculo no Maraca-

CAVES IMPÉRIO



Filial no Porto:

R. DA PICARIA, 71

Sede:

SANGALHOS

Telefs. $\begin{cases} 33545 \\ 29989 \end{cases}$

nàzinho que embora com bastante público não encheu certamente devido à pouca publicidade feita à volta do espectáculo e ao qual os estudantes são totalmente alheios.

Depois do espectáculo efectuou-se uma recepção dançante na Casa do Distrito do Porto.

19 — Esta tarde de Domingo os Universitários ofereceram um espectáculo à Colónia Portuguesa no auditório da Rádio Globo que encheu completamente, não restando um único lugar sentado ou de pé.

> À noite os Estudantes foram obsequiados com um baile na Casa das Beiras.

20 — Em vésperas da sua partida para Portugal, antecipada por necessidades da F. A. P. e com imensa mágoa de muitas centenas de compatriotas, os Estudantes Portugueses passaram hoje o dia a comprar lembranças para os seus familiares e amigos.

Contam-se por dezenas os telegramas e cartas que o Orfeão tem recebido de várias cidades brasileiras onde há colónias Portuguesas, convidando-os a deslocarem-se para lhes poderem oferecer a sua Arte e a mensagem de Saudade que trazem da Pátria distante.

Mesmo no Rio foram já vários os organismos que reclamaram a presença dos Estudantes para bailes e recepções e sabemos até que várias companhias de Rádio e T. V. quiseram estabelecer contratos.

21 — O Orfeão Universitário deu hoje na Escola Nacional de Música o seu último espectáculo.

O dia foi gasto pelos Universitários Portugueses para as suas despedidas do Rio. Na realidade a capa e batina e a simpatia irradiante das moças e moços estudantes conquistaram, pura e simplesmente, o homem da rua carioca e reacenderam nos corações de todos os Portugueses a chama da Pátria distante, a qual nunca deixa de se acompanhar pela saudade e pela recordação da terra de Além-Mar.

Por isso, nós, que tivemos a felicidade de acompanhar esta tarde algumas gentis mocinhas e seus colegas no último adeus às ruas e avenidas do Rio, deparamos não raras vezes com apertados abraços e comovidos adeus por parte de muitos componentes da Colónia Portuguesa.

E à noite, no magnífico Salão da Escola de Música foi a apoteose final, prémio bem merecido para a Arte e a Graça que só os estudantes sabem transmitir.

Após a Proposição dos Lusíadas, que hoje sentimos vibrar de forma inigualável, os Universitários do Porto receberam uma calorosa e prolongada ovação de toda a assistência que de pé, lhes quis retribuir a Saudade e o Carinho que

já sentiam por eles. E nos olhos de muitos, para rão dizermos quase todos, assomaram lágrimas rebeides que queriam rebentar em rio caudaloso. Depois, bem depois, foi o sequestro puro e simples dos mocinhos pelas mocinhas que os levaram para a sua última noite no Rio que certamente a todos ficará lembrada.

22 — Partiu hoje o 1.º grupo de 65 elementos do Orfeão. Na Aeronave compareceram além das individualidades Portuguesas, muitas pessoas que se tinham tornado grandes amigos dos Estudantes. E é curioso verificar que não só portugueses apa-



Sarau na Escola Nacional de Música do Rio de Janeiro. O estandarte do Orfeão inclina-se, agradecendo os aplausos que coroaram a actuação do Coral nessa última noite no Brasil.

receram mas também grande número de nossos compatriotas.

Para todos partiam um pouco de Portugal. E os Universitários do Porto, já nas escadas do avião da F. A. P. diziam adeus com saudade.

> «Oh terras feiticeiras Do meu Caro Brasil»

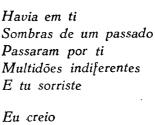
23 — Partiram hoje do Galeão os restantes 25 elementos do Orfeão.

A todos eles e aos seus colegas deixamos aqui expressos os nossos melhores votos de Felicidade e Boa Viagem.

A todos Bem Hajam, por tudo quanto nos souberam dar.

Repórter Carioca

SORRISO



Eu creio
No teu sorriso
Talvez seja tudo
O que há da tua grandeza
Mas a música dos teus lábios
E o acorde das tuas palavras
Sorriem-me canções
E ideias e discos

Talvez não seja só isso Que nos una

Talvez haja algo mais
Do que o braço que não demos
O sorriso que não olhemos
Talvez
Não sei
Mas sei
Que creio no teu sorriso
Mesmo que ele
Mc lembre a morte

[Coimbra, 13 - 9 - 65]

SOLER DE CASTRO

S E . . .

Se a sorte bafejar, Na vida tudo conta: Dinheiro, fama, glória... Tudo é monta Para bajular O seu possuidor.

Porém,
Do espírito o valor
Que fica a perdurar
Em virtudes de amor,
É esquecido
E preterido,
É renegado
E poucas vezes
Imitado.

Tua vaidade graça e formusura

Sofri.
Foi um intoxicante odor.
Chorei.
Nunca em teus olhos vi meiga candura
Mas riso enganador
Do qual me libertei.

O TEU RISO

Tua vaidade, graça e formusura Passou. Já não têm nenhum valor. Findou. O teu riso orgulhoso sem doçura É um espectro de dor Sem um laivo de amor.

B. G. L.











B. G. L.

Tarde Carioca

Tarde carioca. Cidade Maravilhosa. Na rua ao lado, a multidão heterogénea e colorida passava no seu ondear suave e contínuo interrompido de quando em vez pelo passear de um «broto» mais vistoso e coleante. A Cidade quatrocentona vivia mais um fimile line; o nosso lado um distinto e experiente clínica quartida trocava conosco algumas impresses nos copos, o «chope» loiro e retreta se conosco apretexto para este bate-papa cost se

De tudo se falou: das morna e e estibilizas cariocas, dos «monumento cor e falou».

— a maior invenção e o melhor judo o paregles de garam ao novo, imenso e próspe o presidente caindade do colega carioca embora tenha o no social o de la apoio! E, como era inevitável etra cascalada de la culápio acabou falando-se de Madi na

E foi entre dois tragos de ef escara de en marioca que ouvimos um dos mariocarios de por nota que pudemos registar na curta j sauces o es so por terras feiticeiras do «nosso I as i su la seconomica de la composición del composic

— É mesmo colega, Medic a milea ten eu mistério, sedução, os seus segre se a é para a de Chraian Direir gente quanto a outra, a de Para e de Chraian Direir Senão, veja o entusiasmo com que se segue metera povidências tão veementemente, quanto a conselho anterior.

É mesmo. Medicina é muner e po consecuir le está sujeita à moda. Recorde-se e ej man

Há trinta, quarenta anos prás, in reconstitua di cença para morrer sem a sua dijecçã di de la proposado. Era mais importante do la la relición de mais importantes. Haver lo me illum de emocada a família sussurrava: «Está massas a família sussurrava: «Está massas a família sussurrava.

já deu até o óleo canforado». Era o óleo canforado, com perdão da palavra, uma espécie de santos óleos da medicina, companheiro inseparável da extrema-unção. E hoje, qual o doutor que se respeite capaz de aplicar óleo canforado a um doente? Seria o último dos borocochôs.

Cálcio. Vocês se lembram das injecções de cálcio que todo mundo tomava na veia, no músculo, pra ficar bom de gripe, pra não ter gripe, para ajudar o apetite, pra «aumentar as defesas»? Muita gente até o tomava à toa, sem doença pròpriamente, só pra sentir aquele calorzinho esquisito que subia das entranhas, à medida que o cálcio penetrava na veia. Gente morreu de choque tomando injecção de cálcio, mas o remédio era tão bom que valia o risco... Mas, como veio, a moda passou, e médicos e pacientes esqueceram o cálcio, ou o renegaram.

Pois agora me informa um doutor que se anuncia a nova e grande voga do cálcio, não para os empregos antigos de antiinfeccioso — mas para calcificar mesmo! Tão fácil e ninguém tinha bolado: se você quer se calcificar — tome cálcio!

E o extracto hepático? Era para desintoxicar. Sujeito suspeitava do fígado — sujeito amarrava um pileque, sujeito tinha dor de vesícula, dor de cabeça, mal
de entranhas — tome extracto hepático. E como doía
o diabo durin collo Mas com esse masoquismo caracstrea de esée e, quinto mais doía, mais se tomava
dado, belle modaquela crença antiga: quanto
la capación de esée dom a gente, mais tem virtude.

la capación de esée doma de vinte, comêço da de
la capación tima voga singular: era o remé-

ale - papo entre dois «chopes»

lio chamado Tiosol, o Thiosol, e se destinava a «limpar o sangue». Adole rente que sofresse de espinhas entrava logo no Tioso. E o medicamento tinha uma peculiaridade of siva deixava no local onde o injetvam uma indelével tuagem azul. Pois ficou sendo môcata exibem, nos braços nus (era moda então a manga «salaa »), a infame tatuagem de mercurio do Tiosol Halia matrona de hoje em dia, que ainda tem a la la ram vulgar do ácido acetilsalicílico

As ir a le tem vulgar do ácido acetilsalicílico voltas e teo nons simo, para tudo, até para trista I sou no fie u só pra dor de cabeça e tinha nt vé u le evintava falso, dizendo que dava no receita e recon u arrôjo louco — como anti-reuti b. Pera re metis to, tome aspirina — é a última la ra

Dependent letuer calou-se.

icants nestapu dos ouvindo o som inefável do Cua garavi do do do is copos que se enchiam de no-

R. Besouro

Estação de Serviço SANTA FILOMENA

GARAGEM

Serviço Especializado

Venda de Carburantes, Pneus e Recauchutagem

R. Fonseca Cardoso, 129 — Telefone, 32896 — PORTO

Nunca, como neste caso, terá tido mais cabimento a aplicação da frase: juventude é mais uma atitude de espírito e um estado de alma do que a soma dos anos que impiedosamente caiem sobre nós.

Conhecémo-lo, vibrando de entusiasmo com a realização das Comemorações das Bodas de Ouro do

ANTÓNIO PINTO MACHADO Uma vida cheia de juventude

Orfeão Académico do Porto, de que fora componente. Admirámo-lo na frescura do seu espírito jovem, aderindo a tudo que fosse de jovens e de estudantes. Tivemos a honra de acolher nas nossas páginas a sua poesia; distinguiu-nos sempre com a sua valiosa colaboração. Foi na Revista ORFEÃO, no número especial, editado para a Digressão do O. U. P. ao Brasil, que surgiu a sua última publicação.

Antigo Orfeonista, pai e sogro de actuais orfeonistas, colaborador assiduo e distinto de ORFEÃO, não podia a nossa Revista deixar de se associar à homenagem que o O. U. P. lhe prestou, acompanhando-o, com o seu glorioso estandarte, à sua última morada. Nesta breve resenha biográfica vai a expressão da nossa saudade pelo ilustre finado e as sentidas condolências aos colegas e amigos, Carlos Pinto Machado e Maria Elvira.

António Augusto Pinto Machado nasceu a 31 de Março de 1895 na freguesia de S. Pedro, Vila Real.

Aluno da Faculdade de Engenharia da U. P., concorreu à Escola de Guerra, onde foi admitido.

Oficial do Exército, viu-se envolvido nas lutas internas que perturbaram o país aquando da implantação da República, defendendo os seus ideais monárquicos.

Jornalista distinto e lutador foi correspondente de guerra na Guerra Civil de Espanha; colaborador do Jornal de Noticias, A Voz, Diário do Minho, Correio do Minho, A Tarde, O Debate, Diário do Norte e a Ordem; Director, editor e fundador de A PALAVRA.

Escritor e poeta, foi autor das peças: «Sobre o tampo de uma mesa», «Dois com traço», «Debaixo daquela Arcádia» e «Ponto e vírgula»; publicou ainda «Tríptico Sagrado» e «Justiça Política».

Foi director do Palácio de Cristal desde Agosto de 1935; director dos Serviços de Exploração da Exposição do Mundo Português; foi membro da Comissão de Festas da Cidade do Porto em 1948; pertencia às Direcções do Real Hospital de Crianças Maria Pia e da Delegação no Porto da Cruz Vermelha Portuguesa.

Entre outras condecorações possuía o Oficialato da Orden Militar de Cristo; Cruz de Cavaleiro da Ordem de Mérito Civil de Espanha, Ordem de Cisneros e Ordem do Santo Sepulcro; Cruz de Benemerência da Cruz Vermelha Portuguesa e Medalha de Bons Serviços da Câmara Municipal do Porto.

Não bastasse o enunciado, a significativa homenagem de que foi alvo em 26 de Outubro de 1963, em jantar realizado no Restaurante do Pavilhão dos Desportos, presidido pelo ilustre jornalista Pedro Correia Marques, director de «A Voz» e o relevo dado por toda a imprensa portuguesa ao seu passamento, em 18 de Novembro último, dar-nos-iam a medida do Homem que tombou e descansa no Cemitério da Lapa: António Pinto Machado era jovem aos 70 anos, porque sempre soube manter o seu espírito igual ao do estudante irrequieto e lutador da sua juventude.



MÁQUINAS DE COSTURA — RADIADORES E CALDEIRAS PARA AQUECIMENTO CENTRAL — FERROS DE ENGOMAR — CALORÍFEROS — FOGÕES DE COZINHA — BANHEIRAS, LAVATÓRIOS COLECTIVOS E OUTRO MATERIAL SANITÁRIO DE FERRO ESMALTADO — MARMITAS E EQUI PAMENTO COMPLEMENTAR PARA GRANDES COZINHAS — MATERIAL PARA LAVANDARIAS — BOMBAS CENTRÍFUGAS E MANUAIS — TORNOS DE BANCADA DE FERRO FUNDIDO — VENTOINHAS PARA FORJAS — MOTORES DE EXPLOSÃO DE PEQUENA CILINDRADA — ABRIGOS PARA BICICLETAS, MOTORIZADAS E MOTOCICLETAS — ACESSÓRIOS DE FERRO MALEÁVEL PARA CANALIZAÇÕES — ACESSÓRIOS PARA LINHAS DE ALTA TENSÃO — TUBOS PARA CANALIZAÇÕES E OUTROS USOS — OBRA DE FERRO FUNDIDO NORMAL E DE FERRO MALEÁVEL — GALVANIZAÇÃO DE ARTIGOS DE FERRO

INDÚSTRIAS A. J. OLIVEIRA & CA., LDA.

OLIVA

S JOÃO DA MADEIRA

uma chave para

caca problema bancário



PINTO DE MAGALHÃES
BANQUEIROS

